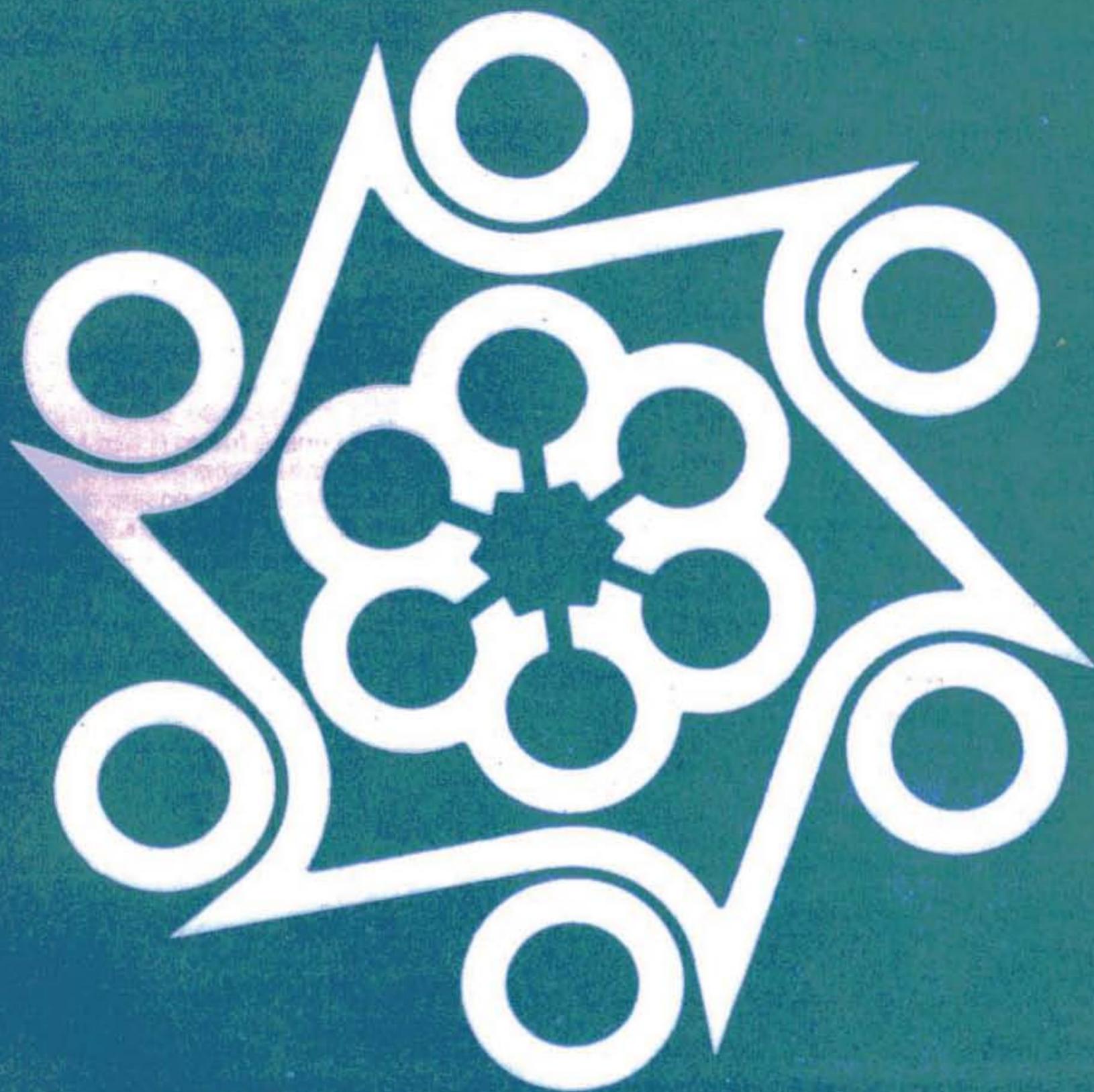


# convergência

JAN/FEV — 1988 — ANO XXIII — Nº 209



- **AMÉRICA, CHEGOU A TUA HORA DE SER EVANGELIZADORA**  
João Paulo II — página 3
- **EVANGELIZAÇÃO, INCULTURAÇÃO E VIDA RELIGIOSA**  
Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ — página 33
- **DOM BOSCO NO CENTENÁRIO DE SUA MORTE**  
Pe. Cleto Caliman, SDB — página 52



**Diretor-Responsável:**  
Ir. Claudino Falquetto, FMS

**Redator-Responsável:**  
Padre Marcos de Lima, SDB  
(Reg. 12.679/78)

**Equipe de Programação:**  
Pe. Ático Fassini, MS  
Pe. Cleto Caliman, SDB  
Ir. Delir Brunelli, CF  
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

**Direção, Redação, Administração:**  
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

---

**Assinaturas para 1988**

Brasil, taxa única:	
terrestre ou aérea.....	Cz\$ 750,00
Exterior: marítima.....	US\$ 38,00
aérea	US\$ 48,00
Número avulso.....	Cz\$ 75,00

---

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

---

**Composição:** Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

**Fotocomposição:** Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

---

**Nossa capa**

Peça, engrenagem, força. Em outro patamar, a intenção fundamental: **pessoa, comunidade, sociedade.** É óbvio, não é obra de arte, arte retiniana, formas agradáveis aos olhos. É; sim e sobretudo, um jogo de idéias. O interesse está **menos** no produto visual; **menos** no seu aspecto decorativo; **mais** na leitura da imagem, do signo-símbolo. Ser o que se é — pessoa — ou ser meramente peça na engrenagem do sistema? Toda vida verdadeira é encontro. Na relação interpessoal se desenvolve a personalidade e se adquire a identidade. Como, então, experimentar-se,

de maneira característica, uma individualidade precisa e não individualista? Como ser comunidade sem despersonalizar-se ou despersonificar-se? Afirmar e respeitar os valores do grupo como pluralidade psicológica ou as suas exigências de unidade sociológica, matriz de padronização institucional? Pessoas em comunidade, sempre fonte de tensões. O grupo é realidade conflitiva. Não se pode desconhecer o realismo das diferenças. E, no entanto, individualidade sem o sentido de pertença ao grupo não amadurece vocacionalmente. Comunidade sem o sentido de individuação é tentativa equívoca de sentir-se pessoa. Na busca de um ajustamento dinâmico para esta dialética existencial, **CONVERGÊNCIA** ajuda a evitar a emergência de excessos, a desabrochar experiências amadurecedoras, a evoluir, pouco a pouco, para uma situação de discernimento e de autonomia consubstanciadas pela fé. Só a fé combina este dualismo aparentemente contraditório: **Pessoa e Comunidade**, sublinhando a certeza de uma crescente integração. A nossa vocação é de comum união com JESUS CRISTO, a dimensão personalizante e comunitária de nosso futuro (1-Cor 1, 9). Nesta perspectiva, mensalmente, **Convergência** quer lhe dizer: hoje já é o ensaio da realidade do amanhã (Pe. Marcos de Lima, SDB).

---

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

---

## SUMÁRIO

---

EDITORIAL.....	1
AMÉRICA, CHEGOU A TUA HORA DE SER EVANGELIZADORA João Paulo II.....	3
INFORME DA CRB.....	6
O DESAFIO DA EVANGELIZAÇÃO NO LIMIAR DO TERCEIRO MILÊNIO Pe. João Batista Libânio, SJ.....	19
EVANGELIZAÇÃO, INCULTURAÇÃO E VIDA RELIGIOSA Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ..	33
NATAL: FESTA DA ESPERANÇA Ana Maria Tepedino.....	47
DOM BOSCO NO CENTENÁRIO DE SUA MORTE Pe. Cleto Caliman, SDB.....	52

# EDITORIAL

Com o presente número, CONVERGÊNCIA, a revista da CRB, inaugura novo ano e propõe novas metas. A leitura da realidade e a análise reflexiva dos acontecimentos, que a história da Igreja e dos homens vai suscitando, serão o campo no qual hão de arar e semear os colaboradores de CONVERGÊNCIA nesse ano de 1988 marcado por eventos que não poderão passar despercebidos.

O primeiro desses acontecimentos e que interessa à Igreja toda, é o ANO MARIANO. Sob a égide de Maria, a Mulher que Deus colocou junto a seu Filho no centro da história da humanidade, percebemos o quanto é fundamental a compreensão dos desígnios do Senhor sobre nossa vida. As alegrias de estar com Jesus, de ouvir seus ensinamentos e seguir seus passos não privaram a Mãe da noite escura da incerteza e da necessidade de buscar, no silêncio do coração, o que poderiam significar palavras e atitudes, fatos e gestos incompreensíveis aos olhos desatentos. Maria conservava todas essas coisas em seu coração, meditando-as. As obras de Deus não são marcadas por grandes feitos, mas pela profunda magnitude de sua presença que acontece no lugar mais recôndito de nosso coração.

O segundo acontecimento, restrito particularmente ao conti-

nente latino-americano, abre-se no sulco da celebração dos 500 anos da primeira evangelização da América Latina. Estamos em pleno novenário preparatório e celebrativo da chegada dos primeiros missionários em nossas terras. Em 1984, quando de sua visita a SANTO DOMINGO, o Papa João Paulo II conclamou a Igreja na América Latina para uma "NOVA EVANGELIZAÇÃO" dos povos do continente, e aos Religiosos dirigiu, em 1986, palavras de ordem: "É imenso o potencial evangélico e eclesial que a Vida Religiosa desenvolveu na evangelização da América Latina. Com a novena preparatória às celebrações do quinto Centenário da Evangelização já iniciada, convém recordar a responsabilidade que incumbe aos Religiosos nesta nova evangelização do continente, tendo presente o amor de vossos Fundadores e Fundadoras pela Igreja, por sua expansão missionária, por sua presença salvadora em todas as latitudes e em todos os segmentos da sociedade. (...) Nesta nova evangelização à qual a Igreja da América Latina é convocada, escrevei novas páginas de santidade e de entrega a vosso ideal evangélico de pobreza, castidade e obediência, em todos os lugares e meios em que estais presentes. Seja a oração a fonte vital de vossa permanente consagração. Como expressei na Encíclica DOMINUM ET VIVIFI-

CANTEM, 'nossa difícil época tem especial necessidade da oração' (nº 65). Com vossa prece contribuireis de modo eficaz para a renovação da vida espiritual que, sem dúvida, redundará na autenticidade evangélica de vosso testemunho em favor dos mais necessitados, 'em trabalho humilde e silencioso' (cfr. PUEBLA, 733)" (JOÃO PAULO II, Aos Religiosos da CLAR, BOGOTÁ, 2/7/1986).

A CRB, em sintonia com os Pastores e com todo o Povo de Deus, quer participar ativamente na apresentação de elementos de reflexão para os leitores de CONVERGÊNCIA, e para todos os Religiosos do Brasil.

Neste sentido, as páginas desta revista dos Religiosos brasileiros, acolherá, neste ano de 1988, vasta programação voltada para o tema da NOVA EVANGELIZAÇÃO. Outrossim, a Diretoria Nacional da CRB já elegeu o tema da XV ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA (AGO) da CRB, a se realizar em julho de 1989: "Nova Evangelização e Vida Religiosa na América Latina". Desde agora, voltados para o mesmo objetivo, tentaremos uma caminhada de conversão da Vida Religiosa, o que redundará em maior compromisso com a missão evangelizadora de todos os Religiosos. A Equipe de Reflexão

Teológica, da CRB Nacional, em breve entregará valiosa contribuição para a reflexão a nível de Comunidades, Congregações e Regionais de CRB, sobre o tema.

CONVERGÊNCIA continua assim auscultando os sinais dos tempos e buscando resultados adequados. A seus leitores oferece, neste número:

— "O desafio da evangelização no limiar do 3º milênio", de Pe. João Batista Libânio, SJ: um retrato de fim de século face à evangelização;

— "Evangelização, inculturação e Vida Religiosa", de Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ: o entrelaçamento da evangelização, inculturação e Vida Religiosa;

— "Natal: festa da esperança", de Ana Maria Tepedino: uma reflexão meditativa sobre o Natal que invade o ano e a vida;

— "Dom Bosco no centenário de sua morte: uma herança espiritual", de Pe. Cleto Caliman, SDB: o valor de um testemunho de vida, às vésperas do terceiro milênio.

E a todos: um FELIZ ANO NOVO!

**Irmão CLAUDINO FALQUETTO,**  
**FMS**

*Presidente Nacional da CRB*

---

*Fidelidade* também pode ser isto: reter o que é válido do passado, acolher os desafios do presente e abrir-se às perspectivas do futuro.

# AMÉRICA, CHEGOU A TUA HORA DE SER EVANGELIZADORA

João Paulo II

Roma, Itália

*Por ocasião do Terceiro Congresso Missionário Latino-Americano, que teve início no dia 5 de Julho e se concluiu a 8 do mesmo mês, o Santo Padre enviou aos Bispos participantes e aos congressistas a seguinte mensagem:*

1. Amados Irmãos no Episcopado e queridos Congressistas vindos de toda a América Latina.

É-me muito grato dirigir-vos estas palavras por ocasião do III Congresso Missionário Latino-Americano, que se realiza em Bogotá e que tomou como lema: "América, chegou a tua hora de ser evangelizadora".

Em vós quero tornar presente a minha saudação a todas e cada uma das Igrejas particulares do continente: aos Bispos, aos sacerdotes, aos religiosos e às religiosas, a todos os filhos e filhas da Igreja.

Uma saudação de reconhecimento é dirigida também aos organizadores

---

*Mensagem do Santo Padre ao III Congresso Missionário Latino-Americano. In L'Osservatore Romano, 19 de julho de 1987, p. 5.*

e aos responsáveis do Congresso: a D. Mário Revollo Bravo, Arcebispo de Bogotá; aos representantes de cada uma das Conferências Episcopais do continente e às suas respectivas Comissões Episcopais de Missões; às Direções Nacionais das Pontifícias Obras Missionárias e ao Departamento de Missões do CELAM e, juntamente com eles, a tantas pessoas que, com a oração e o sacrifício ajudam a tornar presente o Reino de Deus no mundo.

2. Propusestes-vos como *objetivo geral* do Congresso: dar impulso nas Igrejas particulares da América Latina ao sentido missionário para que, por ocasião do V Centenário do início da sua evangelização, realizem o propósito expresso em Puebla de "se projetarem para além das suas próprias fronteiras" (n. 368). Há um ano, durante a minha visita pastoral na Colômbia, recordei-vos com insistência este mesmo objetivo, quando vos disse que "chegou para a América Latina a hora de empreender uma evangelização sem fronteiras" (Bogotá, Discurso na Catedral, 1 de Julho de 1986).

Bem sabeis quanto me sinto perto de vós; com quanta solicitude o meu coração compartilha as vossas inquietações e aspirações; com que alegre esperança vejo chegar a hora missionária das vossas Igrejas particulares.

Sinal da minha comunhão profunda convosco, quer ser também a presença do Senhor Cardeal Josef Tomko, meu Enviado especial para este III Congresso Missionário Latino-Americano.

América, chegou a tua hora de ser evangelizadora, de ir para além das tuas fronteiras!

3. Interpelados pelos “sinais dos tempos” — há já quase quinhentos anos desde o início da evangelização dos vossos povos e às portas do terceiro milênio cristão — reunistes-vos para estudar a maneira de ajudar as Igrejas particulares da América Latina, a concretizarem o seu compromisso de se projetarem para além das suas próprias fronteiras, dando às missões, apesar da sua pobreza.

Não é necessário dizer-vos com que atenção e solicitude segui as atividades que prepararam este Congresso, que se desenvolve na linha dos dois primeiros celebrados em Torreón e em Tlaxcala (México): Faço fervorosos votos por que desta assembléia, deste privilegiado “cenáculo”, surjam propostas, sugestões e linhas de ação, capazes de oferecer a cada Igreja particular a possibilidade de traduzir na prática e sem demora o compromisso assumido, que fará do vosso continente

um continente de esperança missionária para toda a Igreja...

4. Nos meus ouvidos ressoam as palavras do Divino Mestre: “Ide, pois, ensinai todas as nações... ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Mt 28, 19-20). Este mesmo mandato inspirou as viagens missionárias do Sucessor de Pedro aos cinco continentes. Hoje, ao contemplar o panorama que oferece uma grande parte da humanidade que ainda não descobriu Cristo nem recebeu a sua mensagem de salvação integral, o mandato do Senhor Jesus adquire maior vigor e torna-se sumamente premente.

No final do segundo milênio cristão, a Igreja, que é “missionária por natureza”, não pode fechar os olhos perante tal panorama e tais exigências.

Para que a América Latina possa responder a este permanente apelo feito pela Igreja universal, deve saber comunicar aos outros a fé recebida, compartilhando as graças particulares que acompanharam o dom da fé.

Durante este meio milênio de vida cristã na América Latina, o Espírito Santo enriqueceu com os seus dons as diversas comunidades de crentes concedendo-lhes grandes santos e numerosos missionários. Deste modo têm-se ido preparando os caminhos para poder levar agora o Evangelho ao mundo de hoje, em todos os seus espaços e ambientes. Não se pode esquecer que a “vossa hora missionária... é o compromisso de uma herança recebida” (Tumaco, Discurso de 4 de Julho de 1986).

5. A América é chamada a ser “continente da esperança missionária”. Deve e poderá sê-lo se renovar “a sua inspiração mais profunda, aquela que lhe provém diretamente do Senhor: por todo o mundo! A toda a criatura! Até às extremidades da terra” (EN, 50). Deve e poderá sê-lo enviando, embora na sua pobreza, mensageiros que anunciem a todas as gentes o “Evangelho, o qual é poder de Deus para a salvação de todo o crente... porque n’Ele se revela a justiça de Deus” (Rom 1, 16-17).

A Igreja na América Latina foi e é consciente de que proclamar e dar testemunho do Evangelho a todas as nações é uma responsabilidade de todos e cada um dos Bispos, consagrados “para a salvação do mundo” (cf. AG, 38; LG, 23). É também responsabilidade de todo o sacerdote, religioso e religiosa, que, em comunhão com os seus pastores, são chamados a participar plenamente, em conformidade com o seu próprio carisma, na edificação do Corpo Místico de Cristo, em todas as regiões da terra. E é-o, igualmente, de todo o batizado, pois crer em Cristo significa interessar-se pela salvação de todos os homens, seus irmãos.

Graças a esta consciência, a Igreja na América já fez muito pelo mundo missionário. Mas o que falta e é possível fazer é muito mais.

Sim, América, chegou a tua hora!

Examinai, pois, queridos Irmãos no Episcopado, amados filhos e filhas, esta urgência prioritária. Que

este encontro, como sinal de unidade e comunhão eclesial, inspire todos vós, Bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos a fim de que, com vigoroso empenho — para usar as palavras do meu venerado predecessor o Papa Pio XII — possais “cumprir a missão que a Divina Providência parece ter confiado a esse imenso continente, que se orgulha da sua fé católica, e de tomar parte, de modo privilegiado, na nobilíssima tarefa de comunicar, para além das suas próprias fronteiras, os preciosos dons de paz e salvação” (cf. *Ad Ecclesiam Christi*, 29 de Junho de 1955, AAS 47, 1955, 541).

6. Peço a Deus que dê novo impulso ao vosso compromisso missionário durante este Ano Mariano. Oxalá Maria, Estrela da Evangelização, a primeira evangelizadora da América, “presente na missão da Igreja, presente na obra da Igreja que introduz no mundo do Reino de seu Filho” (RM, 28) vos acompanhe e assista nas vossas jornadas de estudo e reflexão, e obtenha do Senhor as graças necessárias para as fazer frutificar em abundância. Os santuários, dedicados a Maria em cada um dos vossos povos, transformar-se-ão num *Magnificat missionário* que, como canto de Igreja peregrina, precedida por Maria, em marcha para o V centenário da vossa evangelização e para o ano dois mil, assinalarão a hora missionária de toda a América Latina.

Abençôo todos vós de coração, no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém. □

# I N F O R M E

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

---

---

---

### **SEGUNDO ENCONTRO DO CONE SUL**

**Ir. Claudino Falquetto, FMS**

Em 1985, em resposta a um desejo de maior intercâmbio, reuniram-se em Porto Alegre as Diretorias das Conferências dos Religiosos do Cone Sul, isto é, Argentina, que possui duas Conferências, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai. Na ocasião foram assumidas algumas propostas e atividades comuns, a serem implementadas até o próximo encontro, marcado para 1987.

De 21 a 26 de setembro de 1987 os mesmos Diretores se reuniram em Montevideu com o objetivo primeiro de avaliar as conclusões do encontro de Porto Alegre e para, com base em relato de cada Conferência, refletir sobre a Vida Religiosa inserida. Este último objetivo foi alcançado com a presença de dois religiosos inseridos em meios populares de cada país, fazendo com que a reflexão não se perdesse em generalizações.

A contribuição dos inseridos partiu fundamentalmente da experiência dos presentes abordando os temas: espiritualidade, formação, trabalho, afetividade e acompanhamento das organizações populares.

Ficou constatado que o caminho percorrido pela Vida Religiosa inserida é

fruto do impulso do Espírito e permite vislumbrar um novo estilo de Vida Religiosa próxima do novo, coerente com as opções da Igreja da América Latina e generosa no seguimento de Jesus Cristo em seu mistério pascal, tão evidente na vida da maioria de nosso povo. Se a Vida Religiosa inserida em meios populares é processo ainda relativamente recente e repleto de questionamentos, — sadios uns, medrosos ou restritivos outros —, pode-se afirmar que este novo jeito de ser religioso caminha "pari passu" com o essencial do Evangelho para quem se propôs o Seguimento de Jesus Cristo de maneira radical e tentando dar respostas à desafiadora realidade que está aí e que necessita de urgente e adequada evangelização.

Essa a convicção dos membros das Diretorias das Conferências de Religiosos do Cone Sul, que no final do encontro de Montevideu emitiram uma carta dirigida principalmente aos Superiores Maiores, primeiros responsáveis pela animação da Vida Religiosa de seus irmãos e privilegiados auscultadores (obaudire) da vontade do Senhor. Eis a carta:

### **MENSAGEM FRATERNA A NOSSOS IRMÃOS E IRMÃS DO CONE SUL**

Ao concluirmos a reunião das Conferências de Religiosos do Cone Sul (Ar-

gentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai), celebrada em Montevideu, durante os dias 21 a 26 do corrente mês, sentimos a necessidade de partilhar com todos vocês, Irmãs e Irmãos Superiores Maiores e respectivos Conselhos, o que temos visto e ouvido.

Constatamos que a Vida Religiosa inserida entre os pobres, que há alguns anos começou como experiência, constitui hoje um **NOVO ESTILO DE VIDA RELIGIOSA**.

Experimentamos que é o **Espírito do Senhor quem está animando a vida de nossos irmãos inseridos**. Partilhamos com 30 dentre eles, provenientes dos cinco países, suas inquietudes, sucessos e desafios, constatando uma vez mais a seriedade de sua vida e de sua busca. Esse primor da Vida Religiosa inserida necessita portanto, do apoio e da animação de todos os irmãos de cada Congregação.

Sentimos que esses irmãos são uma **interpelação a toda a Vida Religiosa**: sua presença de testemunho e de acompanhamento, no meio de nossos irmãos empobrecidos, ajuda-nos a concretizar mais visivelmente a opção pelos pobres que decididamente fez toda a Igreja Latino-americana em PUEBLA.

Vimos também, que a realidade da pobreza e marginalização em que se encontram nossos países do Cone Sul, provoca a Vida Religiosa a assumir sua **dimensão profética**: estar lá onde sua presença ajude às Igrejas locais a responder com audácia aos urgentes clamores de vida de nossos povos.

Finalmente queremos expressar nosso vivo agradecimento por tudo que se está fazendo na linha da inserção. Valorizamos o enorme sacrifício que este

novo estilo de vida está exigindo de cada Congregação. As Diretorias aqui reunidas se comprometem a apoiar e acompanhar eficazmente todo esse esforço de busca e de trabalho pela inserção, feito com discernimento e generosidade nas famílias religiosas.

Voltamos a nossos países com o **coração repleto de esperança** que, através de vocês, Superiores Maiores, queremos partilhar com todos os nossos irmãos religiosos do Cone Sul.

Recebam nosso cordial e fraterno abraço.

MONTEVIDÉU, 25 de setembro de 1987

**As Diretorias das Conferências de Religiosos do Cone Sul.**

## **I SEMINÁRIO NACIONAL DE IRMÃOS**

**Pe. Atico Fassini, MS**

De 4 a 9 de outubro de 1987, na Fazenda São José das Paineiras (Irmãos Maristas), em MENDES, RJ, a CRB Nacional realizou o 1º SEMINÁRIO NACIONAL DE IRMÃOS.

A idéia desse evento surgira no Encontro da Diretoria e Secretários Executivos Nacionais com os Presidentes e Secretários Executivos Regionais da CRB, em novembro de 1985, em BRASÍLIA. Decidiu-se então, que as Regionais de CRB desenvolveriam, no decorrer de 1986, um trabalho de animação dos Irmãos a nível regional, em preparação do Seminário Nacional em 1987.

A CRB Nacional, por sua vez, no início de 1987, reuniu alguns Irmãos para comporem a Equipe de Preparação e

Coordenação do Seminário: Ir. Joaquim Panini FMS, Fr. Henrique Cristiano José Matos CFMM, Ir. Israel José Nery FSC, Ir. Luiz Silveira FMS, Ir. Afonso Faustino FDP e Ir. Claudino Falquetto FMS, Presidente Nacional da CRB.

A partir dessa Equipe foram definidos os elementos fundamentais do encontro:

a) Objetivos: aprofundar a análise da identidade e missão do Religioso leigo; promover o intercâmbio entre os Religiosos leigos.

b) Tema: Identidade e missão do Religioso leigo na Igreja.

c) Dinâmica: VER a realidade vivida pelo Irmão. Foi feito um levantamento, através de um Questionário simples e coloquial, enviado aos Superiores Maiores do Brasil, para que o aplicassem aos Irmãos da respectiva Congregação. As respostas chegadas à CRB Nacional são sugestivas. Foram 146 respostas de Irmãos de Congregações laicais, e 125 de Irmãos de Congregações clericais, com rico material de análise.

JULGAR: 4 palestras fizeram parte do momento do JULGAR: "As raízes históricas da Vida Religiosa leiga, pelo Fr. Henrique Cristiano José Matos CFMM; "Identidade e missão do Religioso leigo", pelo Ir. Claudino Falquetto FMS; "A Igreja do Brasil hoje", pelo Pe. Cleto Caliman SDB substituído pelo Ir. Israel José Nery FSC dado que Pe. Cleto fora convidado a participar do Sínodo dos Bispos em ROMA; e "O Religioso leigo na Igreja no Brasil hoje", por Ir. Israel José Nery FSC.

AGIR: o AGIR foi caracterizado pela elaboração de um plano de ação e animação dos Irmãos nas Regionais da CRB, e pela elaboração de dois do-

cumentos: uma CARTA aos Superiores Provinciais, aos Irmãos Religiosos e Irmãs Religiosas, e o "Perfil do Religioso Irmão que desejamos ser hoje na Igreja do Brasil".

Num denso clima de trabalho, fraternidade e oração participaram do 1º Seminário Nacional 64 Irmãos de 25 distintas Congregações Religiosas clericais e laicais, provenientes de 16 das 17 Regionais de CRB.

Seguem os dois documentos elaborados pelos Irmãos neste 1º SEMINÁRIO NACIONAL.

## DOCUMENTO Nº 1

### **CARTA AOS SUPERIORES PROVINCIAIS, AOS IRMÃOS RELIGIOSOS E IRMÃS RELIGIOSAS**

MENDES/RJ, 9 de outubro de 1987.

Prezados Superiores Provinciais  
Prezados Irmãos Religiosos  
Prezadas Irmãs Religiosas

O Senhor fez em mim maravilhas,  
Santo é seu nome.

Pela força do Espírito que renova sem cessar a face da Igreja do Senhor, a CRB promoveu o 1º SEMINÁRIO NACIONAL DE IRMÃOS de Congregações clericais e laicais. Por graça especial comparecemos 64 Irmãos de 25 diferentes Congregações, nos dias 4 a 9 de outubro de 1987, em MENDES/RJ, louvando o Senhor pelo encontro e fraternalmente lamentando pelos que, por falta de vaga, não puderam participar. Vivemos inesquecíveis dias de fraternidade, oração, reflexão e busca de caminhos.

Nosso Seminário foi longamente preparado nas Regionais da CRB, a partir das orientações da CRB Nacional que organizou uma equipe especial para este projeto. Dezesesseis Regionais de CRB se fizeram representar no encontro. Em MENDES, partimos de uma síntese de aproximadamente trezentas respostas a um questionário anteriormente enviado aos Irmãos no Brasil, através dos respectivos Superiores Maiores. Levantamos amostras de grande significado quanto à realidade vivida, sentida e percebida tanto pelos Irmãos de Congregações clericais quanto laicais. Um momento especialmente rico foi o dia da iluminação histórico-teológica da vocação religiosa do Irmão, situada na realidade de nosso país e de nossa Igreja. Daí emergiram alguns traços definidores do perfil do Religioso Irmão, hoje.

Agradecemos a Deus a graça deste Seminário. Sentimo-nos reafirmados em nossa identidade e estimulados em nossa missão. Recebemos um grande incentivo para viver com maior fidelidade nossa vocação específica e testemunhá-la a partir de nosso ser religioso e de nosso agir na laicidade do mundo e na dura realidade dos empobrecidos.

Ocorre-nos lembrar as palavras de JOÃO PAULO II, em seu Discurso de 24 de janeiro de 1986: "Não se pode pensar na vida religiosa na Igreja sem a presença desta particular vocação laical... Perante a beleza desta vocação dos Irmãos na Igreja, a perfeição de sua identidade religiosa e as renovadas possibilidades de presença, só me resta um desejo: que todos os Pastores saibam promover esta específica vocação de consagração religiosa, sem a qual faltaria algo à vitalidade das

Igrejas particulares, especialmente das mais jovens" (L'OSSERVATORE ROMANO, 2/2/1986, p. 11, nº 2 e 6).

Somos felizes vivendo este momento privilegiado de nossa Igreja profética, mártir, sinal do Reino, reconhecendo a conflitividade da história que nos compete ajudar a escrever. Assumimos o compromisso de viver plenamente as características do Perfil do Religioso Irmão que delineamos neste Seminário. Confiamos na graça de Deus, na intercessão de Maria, de nossos Fundadores e na oração de todos vocês.

Com especial amizade de seus Irmãos Religiosos de Congregações clericais e laicais do 1º SEMINÁRIO NACIONAL DE IRMÃOS.

## **DOCUMENTO Nº 2**

### **PERFIL DO RELIGIOSO IRMÃO QUE DESEJAMOS SER HOJE NA IGREJA NO BRASIL**

#### **1. CONSAGRADO:**

Homem que busca o Absoluto; optando pela radicalidade da consagração batismal, no seguimento a Jesus Cristo casto, pobre e obediente, alimenta sua espiritualidade na oração, na Eucaristia, na Palavra de Deus, na leitura crítica dos sinais dos tempos e no engajamento no mundo.

#### **2. QUE VIVE NUMA COMUNIDADE FRATERNA:**

Homem que opta por viver numa comunidade, partilha seus dons, esperanças e perdão, aceita as pessoas na sua diversidade, promove uma convivência de maior igualdade e fraternidade.

### **3. É SINAL PROFÉTICO E TESTEMUNHA DO REINO:**

Homem que procura ser sinal do Reino, sobretudo no mundo do trabalho; ressalta conscientemente a dignidade da pessoa humana, sendo presença que anuncia por si a Boa Nova e denuncia as causas das estruturas sociais injustas.

### **4. BUSCA INCULTURAR-SE NO MEIO EM QUE VIVE:**

Homem capaz de auscultar a realidade onde se insere, em diálogo com o mundo respeita os valores culturais e a história do povo a que serve; permanece aberto mais para aprender do que para ensinar; procura, com consciência e visão críticas, dar respostas proféticas à realidade do mundo e da Igreja.

### **5. EM COMUNHÃO COM A IGREJA:**

Homem eclesial que assume as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil; compromete-se particularmente com a evangélica opção preferencial pelos pobres.

### **6. PROCURA ELABORAR UMA PERSONALIDADE INTEGRADA:**

Homem que integra numa equilibrada e madura harmonia, todos os valores e limitações de sua pessoa para que apareça com mais evidência sua vocação de doação total a Deus e a seus irmãos.

### **7. EM MISSÃO E FORMAÇÃO PERMANENTE:**

Homem num mundo em constantes mutações; permanece atento aos novos

sinais, apelos e necessidades do povo; se capacita e se dispõe para o cumprimento de sua missão através de uma permanente formação.

### **8. É IRMÃO ENTRE IRMÃOS:**

Homem que desenvolve as disposições de acolhida e solidariedade para com todos; presta serviços com dedicação e disponibilidade, alegria e amor a quantos necessitam; manifesta-se em todas as ocasiões como irmão entre os irmãos, de preferência os sem voz e sem vez, numa relação de afeto e estima.

### **9. VIVE A ESPIRITUALIDADE PRÓPRIA DO IRMÃO:**

Homem movido pelo Espírito, lê os sinais dos tempos, encarna-se como religioso na laicidade do mundo, desvela a bondade e misericórdia de Deus, testemunha os valores da consagração baptismal e religiosa, e celebra a multiforme presença do Reino nas realidades terrestres e na sociedade.

### **10. VALORIZA AS REALIDADES TERRESTRES:**

Homem consciente da autonomia das realidades terrestres, culturais e tecnológicas, nas quais se insere profundamente, promove sua verdadeira valorização, e testemunha, como religioso e profissional, a presença do germe salvífico que nelas já se encontra.

### **11. COMPROMETIDO NAS MAIS DIVERSAS FORMAS APOSTÓLICAS:**

Homem atento aos sinais dos tempos e às urgências pastorais da Igreja, assume as mais diversas formas apostólicas que traduzem a fidelidade às ne-

cessidades do povo à luz do profetismo de sua vida religiosa e do carisma de sua Congregação, na gratuidade.

Aos 9 de outubro de 1987 — 1º Seminário Nacional de Irmãos / MENDES, RJ.

## **SEMINÁRIO NACIONAL DE SAÚDE**

O SEMINÁRIO NACIONAL DE SAÚDE, promovido pela CRB Nacional com a colaboração do seu Grupo de Reflexão de Saúde (GRS), foi realizado em Curitiba/PR, de 19 a 23 de outubro de 1987.

O tema central do Seminário foi: "A MÍSTICA DO RELIGIOSO A SERVIÇO DA SAÚDE."

Esse tema foi escolhido mediante sugestão feita pelos participantes do último Seminário Nacional de Saúde, Petrópolis/RJ, 1986. Veio ajudar os religiosos que estão a serviço da saúde, no aprofundamento de sua espiritualidade, diante da situação conflitante na qual vivem e estão inseridos hoje.

O Seminário teve como OBJETIVO GERAL:

— promover e animar a VR dos religiosos que atuam no mundo da saúde.

Os OBJETIVOS ESPECÍFICOS foram:

— diante da situação conflitante na qual estamos vivendo, possibilitar um aprofundamento da mística do religioso que atua na saúde;

— avaliar a caminhada dos GRSs Regionais a partir das propostas do Seminário Nacional de Saúde de Petrópolis/RJ.

— buscar pistas para prosseguir na caminhada.

O SEMINÁRIO contou com a participação de **48 religiosos**, representantes das seguintes Regionais de CRB: Belo Horizonte / MG, Brasília / DF, Campo Grande/MS, Curitiba/PR, Florianópolis/SC, Rio de Janeiro/RJ, Porto Alegre/RS, São Paulo/SP, e de Frei Luís Augusto de Mattos, Agostiniano (Assessor) e do GRS Nacional.

O grupo participou de maneira criativa, ativa e responsável, favorecendo muito o desempenho das dinâmicas e levando a resultados altamente positivos e à concretização dos objetivos. O Seminário transcorreu num clima de muita harmonia, oração, reflexão, discernimento e sobretudo de muita vivência fraterna.

1º) O MOMENTO DO VER = constou de trabalhos em grupos sobre:

— evidenciar os conflitos em nível sócio-político-econômico e religioso da própria realidade vivencial (evidenciar sinais de morte);

— evidenciar sinais de vida percebidos de modo geral e dentro da realidade religiosa.

2º) O MOMENTO DO JULGAR: Frei Luís Augusto fez uma reflexão sobre a Mística do Religioso a serviço da Saúde, dentro do seguinte esquema:

— A Mística cristã, inspirada do compromisso em defesa da VIDA;

— Mística, força de negação da idolatria;

— fidelidade ao Deus da Vida;

— no serviço aos empobrecidos, a opção pela Vida;

— a dimensão profética dentro de uma sociedade expropriadora;

— atitude radical que redefine o compromisso com a diaconia samaritana (Lc. 10,25-37).

Por fim deixou claro que: **SER RELIGIOSO PROFETA É VIVER O CONFLITO ENTRE OS APÓSTOLOS DA SAÚDE E OS CAPITALISTAS DA SAÚDE.**

3º) Depois do VER e do JULGAR os participantes do Seminário chegaram a algumas propostas de ação = AGIR.

#### **PROPOSTAS DE AÇÃO E REFLEXÃO**

**PROPOSTA GERAL:** Vivenciar a mística cristã numa perspectiva de conversão contínua e radical, a partir da opção pelos pobres e através da diaconia samaritana, visando a construção do Novo Homem e Sociedade Nova.

#### **PROPOSTAS ESPECÍFICAS:**

1) Incentivar os GRSs Regionais a participarem ativamente das Assembleias Regionais, e a promoverem encontros de integração entre CRB, CNBB e Congregações, visando aprofundar a mística do religioso a serviço da saúde, favorecendo o diálogo, a compreensão e o apoio mútuo.

2) Intensificar o processo de inserção dos religiosos nos meios populares, somando forças com as pastorais sociais, as associações, sindicatos, partidos e movimentos populares comprometidos com a vida e a socialização dos bens e dos Serviços de Saúde.

3) Divulgar, indicar e motivar a elaboração de subsídios específicos, além de promover encontros e seminários para que, questionando e aprofundando a prática dos religiosos a serviço da saúde, se possa chegar a uma ação

conjunta e entrosada na defesa e promoção da Vida.

**Ir. Eliane de Calis, SDS**

## **XV ASSEMBLÉIA DAS SUPERIORAS GERAIS DAS CONGREGAÇÕES BRASILEIRAS**

Num clima de muito trabalho e seriedade, realizou-se a XV A.S.G.C.B. na Casa de Retiros São José, em Belo Horizonte, M.G.

Preparada com esmero pela CRB Nacional e a Equipe de Coordenação, esta Assembléia deu valiosa ajuda a todos os participantes pela atualidade e importância do assunto tratado: "Formação e Espiritualidade." Diante da oportunidade do tema, a Equipe de Coordenação decidiu abrir esta Assembléia às Formadoras das Congregações, dando, assim, ocasião para um confronto de práxis formadora nas diferentes Congregações, a troca de experiências, a partilha, a ajuda mútua entre participantes, entre Superiores Maiores e Formadores.

Estiveram presentes 97 religiosas e 5 religiosos da Congregação dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora, mostrando que também eles estão interessados no aprofundamento da reflexão e se dispõem a caminhar com as religiosas em comunhão de fraterna busca.

Durante todo o tempo o grupo contou com a presença de dois Assessores: Ir. Ninfa Becker, fsp e Pe. José Antonio Netto de Oliveira, sj. Foram muito claras, questionantes e válidas as colocações por eles feitas e por todas

as participantes reconhecidas como de preciosa ajuda. Houve tempo para trabalhos em grupos, para intercâmbio de experiências e a liturgia, sempre preparada com cuidado, foi o ponto alto de cada dia, expressando a diversidade das características regionais.

As Superiores Gerais aproveitaram as horas da noite para encontros específicos, tratando de assuntos referentes à UISG e ao bom funcionamento do grupo, como meio de se auxiliarem mutuamente e poderem caminhar com passos firmes para que a Vida Religiosa das Congregações Brasileiras seja a grande mola que ativa a missão apostólica da vida consagrada em nossa terra.

A avaliação final do encontro revelou o apreço que os participantes tiveram por ele e o alto nível de sua realização. Foram avaliados o conteúdo, a dinâmica, a participação, a coordenação, o local, o entrosamento e a convivência fraterna.

Agradecidas a Deus por mais ocasião de se reunirem, as Superiores Gerais das Congregações Brasileiras reafirmaram, neste encontro, seu grande propósito de serviço à Igreja do Brasil, onde têm suas raízes e pela qual sentem a responsabilidade de membros conscientes e ativos.

**Ir. Elza Ribeiro, P. GAP**

## **PRO-FOCO III PRIMEIRA ETAPA**

Petrópolis, 10 a 30/09/87

“Como é bom, como é suave viverem juntos, bem unidos, os irmãos.” (Sl 132.1)

Falando de irmãos, não me refiro, unicamente, àqueles que fazem parte de uma mesma família, seja doméstica, seja religiosa, mas de todos aqueles e aquelas que abraçaram um mesmo ideal: o seguimento de Jesus Cristo. Uma convivência fraterna e amiga, em profunda comunhão, é capaz de testemunhar que a construção do Reino não só é possível, mas acontece, embora não em sua totalidade, entre os que se propuseram acolher o chamado do Mestre e compartilham Sua Missão.

Essa experiência é concretamente vivida por um grupo de 29 religiosas contemplativas de 8 Congregações diferentes, vindas de diversos pontos do país: Pernambuco, Bahia, S. Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Aqui sentimos que, na diversidade dos dons, o Corpo de Cristo que é a Sua Igreja, encontra a sua realização. Cada membro desse Corpo, ocupando o seu lugar e desempenhando sua função, contribui, como diz o Apóstolo, “para a perfeição e plena edificação do Corpo, até atingir a plenitude e a estatura de Cristo.”

É isso que experimentamos nesses 20 dias, de 10 a 30 de setembro, em que estamos reunidas para a primeira etapa do PRO-FOCO III, em Petrópolis. A acolhida feita pelas Irmãs de Santa Catarina, do Convento Madre Regina, a presença das Irmãs Beneditinas, Passionistas, Concepcionistas, Clarissas Capuchinhas, Visitandinas, Redentoristas, Carmelitas da Antiga Observância e Servas do SSmo. Sacramento, a dedicação e competência dos professores, o zelo e a atenção dos coordenadores e organizadores, unidos à eficácia das orações que fazem por nós e em comunhão conosco, tudo isso con-

tribui para que a CRB Nacional realize este tão proveitoso quanto necessário aprofundamento religioso.

Todas nós, participantes deste PRO-FOCO, tomamos maior consciência de nosso lugar na Igreja, especialmente na Igreja do Brasil, onde, dentro do próprio espírito dos Fundadores, podemos e devemos dar a nossa contribuição — hoje e aqui — para o Advento do Reino, até que Ele possa ser consumado na sua plenitude, na Casa do Pai, “quando Deus será Tudo em todos.”

Durante esta etapa, foram desenvolvidos conosco os seguintes temas:

A Aliança — Frater Henrique Cristiano, cfmm

O Seguimento de Jesus Cristo — Ir. Maria Carmelita de Freitas, fi

Votos e Missão — Frei Francisco Carloni, ofm

Oração da Igreja — Ir. Vera Lúcia Parreira Horta, osb

Oração Pessoal — Pe. Leonard Patrick, CSSp

Dia de Oração — Madre Eugênia Teixeira, osb

Na alegria, no louvor e na ação de graças, nos colocamos diante de Deus e nos abrimos a todas as graças que Ele, no Seu Amor, nos reserva neste PRO-FOCO.

**Ir. Maria Zélia Davi, OSS**

## **CRB DE CURITIBA**

Queremos compartilhar com vocês algo da caminhada feita na XIX Assem-

bléia Regional, acontecida em Curitiba de 09 a 11 de setembro de 1987.

O tema central de nossa Assembléia foi: “PISTAS PARA AVALIAÇÃO E REDIMENSIONAMENTO DE NOSSAS OBRAS À LUZ DO TESTEMUNHO PROFÉTICO”.

Sabemos que a Igreja, a partir do Vaticano II, Medellín e Puebla, abrindo-se para o mundo na América Latina, encontrou-se com uma realidade que questionou sua maneira de ser e agir. Por causa disso a Igreja redescobriu sua missão profética de anunciar o Reino. Dando este passo, a Igreja e a Vida Religiosa, iluminadas pela Palavra de Deus, pela prática de Jesus Cristo e pelas Assembléias e Capítulos, começaram a entender que somente realizariam sua missão de SINAL do REINO a partir do pobre e do oprimido.

Refletindo sobre essa nova maneira de ser Igreja e de viver a Vida Religiosa, nos sentimos interpelados por sérios questionamentos como:

\* Será que a V.R. de nossas Comunidades é “sinal significativo” para o povo?

\* Será que as nossas comunidades religiosas estão realmente assumindo o compromisso profético que o mundo e a Igreja esperam de nós a partir de nosso SER consagrado e enviado?

\* Estamos realmente nos aproximando do mundo dos pobres, assumindo sua ótica?

\* O clamor dos pobres está sendo para nós um apelo de Deus?

\* A ação de nossas comunidades religiosas está sendo transformadora da realidade?

\* Será que estamos relendo o Carisma Fundacional à luz da realidade e das necessidades de hoje?

Estes questionamentos levam a urgir a avaliação e o redimensionamento de nossas obras à luz dos seguintes **critérios**:

1) Fidelidade dinâmica ao Carisma Fundacional, relido à luz de Deus que nos fala pela realidade conflitiva onde vivemos;

2) Comunhão com os apelos da Igreja e com a caminhada da V. R. na América Latina;

3) Evangelização transformadora (dimensão político-social da caridade), suscitando e formando agentes comprometidos com uma sociedade justa e fraterna;

4) Mudança de Lugar Social que nos ajude a ver nossas incoerências e nos interpela à conversão;

5) **PRESENÇA PROFÉTICA** de nossas comunidades religiosas em nossas obras, propiciando a visibilidade do Reino;

6) Abertura ao novo modo de ser Igreja e comunhão com outros Carismas e sobretudo com os leigos, não como complemento de nossas obras, mas como co-participantes;

7) Crescimento vocacional de cada religioso(a) e o cultivo da vida comunitária.

Julgamos oportuno também propor alguns **passos concretos** para o redimensionamento de nossas obras:

1) Conhecer a Realidade e fazer uma sólida análise da mesma;

2) Mentalizar os membros da Comunidade e da Província, bem como os leigos engajados e destinatários de nossas obras, envolvendo a todos e oportunizando a participação;

3) Conduzir o processo de redimensionamento dentro de um clima de discernimento pessoal e comunitário, fundado na oração, na escuta da Palavra de Deus e da realidade conflitiva, bem como dos apelos da Igreja e do Carisma Fundacional;

4) Assumir conjuntamente os riscos do "novo" à luz da fé;

5) Estabelecer objetivos claros e passos para sua concretização;

6) Iniciar com uma experiência concreta, mesmo que seja pequena, bem pensada e preparada, a fim de que a mesma seja inspiradora e estimuladora de novos passos;

7) Avaliar os passos dados à luz dos objetivos, visando reorientar a caminhada.

Estamos nos aproximando do V Centenário da Evangelização da América Latina. Tal fato nos obriga a fazer memória, isto é, atualizar esse acontecimento para assumi-lo criticamente a partir das perspectivas e desafios do presente.

É necessário para nós religiosos, agentes majoritários de Evangelização na América Latina, continuar um trabalho de reflexão e discernimento: voltar a tomar consciência de nossa vocação para renovar-nos e cumprir nossa missão em sintonia com os sinais dos tempos e os desafios do presente.

Concluimos nossa Assembléia num clima de busca e esperança. Maria, es-

trela que pré-anuncia o surgimento de novos tempos de Salvação e Libertação, guie nossos passos no processo que iniciamos.

Que Deus acolha e abençoe nossos projetos.

## **Participantes da XIX Assembléia da CRB Regional de Curitiba**

## **APOIO ÀS IRMÃS DE ENCRUZILHADA DO SUL**

O prefeito municipal de Encruzilhada do Sul, Antônio Carlos Mesquita Pereira, pelo Decreto nº 862/87 de três de junho último, desapropriou o Hospital "Santa Bárbara" pertencente às Irmãs Servas da Imaculada Conceição da Virgem Maria. E não havendo nem causa, nem diálogo, nem explicação, por ordem judicial, as Irmãs tiveram que se retirar da localidade aonde permaneceram 22 anos, dando os melhores anos e ideais para cuidar das vidas e do povo encruzilhadense. A despedida foi no domingo, dia 19 de julho, após a missa campal, oficiada pelo bispo diocesano, Dom Sinésio Bohn e concelebrada pelo pároco e dezenas de sacerdotes, na presença de religiosos e religiosas de todo o Estado que foram levar solidariedade às Irmãs, e do povo, presente em massa, que foi dar o "adeus", na prece e na lágrima, às beneméritas Religiosas.

Na oportunidade, é só acompanhar a imprensa, a voz da Igreja, da CNBB, da diocese e da paróquia, bem como instituições ligadas aos Direitos Humanos, à Justiça e tantos outros... protestaram energicamente contra este uso arbitrário do Prefeito, que decretou a

saída das Irmãs, assim compulsoriamente, sem uma consulta ao povo e sem uma conversa com as Religiosas, que, afinal, por duas longas décadas, dedicaram especial atenção à comunidade através da catequese, da assistência aos presidiários, aos doentes nas famílias, à pastoral da saúde, à ornamentação da igreja e sempre e em tudo, dispensaram atendimento e conforto moral, espiritual e físico àquela comunidade, a quem as procurou.

Após tudo consumado, e não havendo mais retorno, fique, aqui, de público, o protesto veemente da CRB (Conferência dos Religiosos do Rio Grande do Sul). E fique também a nossa prece e solidariedade às Irmãs, enquanto o advogado da Cúria Diocesana de Santa Cruz do Sul, Dr. Sonino Baroni, continua reivindicando os direitos violados pelo gesto ditatorial do Prefeito, que não cabe numa época de democracia que estamos vivendo.

Em nota assinada pelo bispo de Santa Maria, ex-Presidente da CNBB, Dom Ivo Lorscheiter, de Santo Ângelo, Dom Estanislau Kreutz, de Cruz Alta, Dom Jacó Hilgert e de Santa Cruz do Sul, Dom Sinésio Bohn, que formam o "Interdiocesano Centro do Regional Sul-3 da CNBB", reunidos com suas equipes pastorais em Santa Maria, emitiram também sua nota de protesto: "Apesar dos objetivos sociais alegados, as informações que temos nos fazem supor que existem outras razões NÃO CONFESSADAS para a desapropriação. Ao expor à difamação pública 46 anos de humilde e séria dedicação das Irmãs, o decreto agride ainda a ação pastoral da Igreja do Rio Grande do Sul em favor da saúde comunitária, principalmente dos mais pobres." Assim, os bis-

pos se comprometeram a apoiar, com todos os meios possíveis as Irmãs e a Diocese de Santa Cruz do Sul, nesta nobre causa pela justiça.

As IRMÃS SERVAS DA IMACULADA CONCEIÇÃO DA VIRGEM MARIA, de Encruzilhada, por sua vez, através da Madre Provincial, IRMÃ ANA CHIESA, diante desta "novela", forjada pelo poder prepotente, confiando na justiça e no Deus fiel que tem muito mais para dar do que os médicos, juízes e prefeitos subordinados para tirar, escreveu uma nota AOS PRESIDENTES DAS MANTENEDORAS DE OBRAS DAS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS DO RIO GRANDE DO SUL:

"Agradecemos profundamente a manifestação de apoio e solidariedade neste momento de injustiça, ao termos sofrido a desapropriação do Hospital Santa Bárbara propriedade da nossa Congregação, onde muitas Irmãs deram suas vidas cuidando noite e dia das vidas e saúde do povo encruzilhadense, mesmo em meios às dificuldades.

É preciso amar e ter coragem, pois Cristo recomenda o amor aos inimigos. Sendo assim, continuamos pedindo orações para que aconteça a justiça e possamos amar aos que nos fazem sofrer."

#### NOTA

Enquanto esta notícia "baixava o prelo", soubemos que a Primeira Junta de Juízes deu ganho de causa às Irmãs, em primeira instância. De fato, dia 11 de agosto, às 14 horas, as 6 Irmãs da Congregação, acompanhadas da Provincial e com o bispo diocesano reasumiram novamente a Administração do Hospital "Santa Bárbara" de Encruzilhada do Sul com a presença do povo

e a alegria de toda a comunidade. Haverá, porém, a postulação para uma segunda instância da parte contrária, daqui a dois meses.

*In "ANUNCIAR", CRB Regional de Porto Alegre, maio-agosto/1987, n.º 55, p. 11-13.*

**Frei Renato Zanolla**

## **CINQUENTENÁRIO DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS CARMELITAS**

**DIOCESE DE CAJAZEIRAS — PARAÍBA  
— BRASIL — 1938/1988**

A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS MISSIONÁRIAS CARMELITAS nasceu no Nordeste do Brasil, no sertão da Paraíba, da ação missionária de um Carmelita espanhol PADRE FREI JOSÉ MARIA CASANOVA MAGRET, em 1938. Contou com a colaboração da jovem AFRA FERRAZ (Madre Maria Carmelita), e foi aprovada pelo Papa João XXIII, no dia 06 de julho de 1960.

A Congregação foi colocada sob a proteção de Nossa Senhora do Carmo e de São José, e está agregada à Ordem dos Carmelitas, cuja Regra a orienta. CARISMA: As Irmãs Missionárias Carmelitas são chamadas a: viver o Evangelho em Comunidade, na contemplação, na pobreza, simplicidade e alegria, atendendo ao apelo da Igreja no serviço aos pobres, velhos, jovens, crianças carentes, doentes e necessitados.

A Congregação teve o seu berço na cidade de PRINCESA ISABEL, Diocese de Cajazeiras, hoje, pertencente à Dio-

cese de Patos-PB. Ali, foi fundado o primeiro Colégio às Irmãs confiado, para a formação de professoras pobres daquela região, as quais não tinham condições financeiras para continuarem seus estudos na Capital. Aos poucos, a obra foi crescendo. As fundações aconteceram vagarosamente, solicitadas por vigários, bispos e diretores de hospitais.

FREI CASANOVA testemunhou, para suas seguidoras, um grande zelo apostólico, fazendo missões populares em várias regiões nordestinas, não medindo esforços para chegar aos mais necessitados, enfrentando, naquela época, as viagens a cavalo, pelas veredas desertas do sertão: paraibano, pernambucano, riograndense do norte e alagoano.

Quer nas cidades pequenas ou grandes, quer nas periferias urbanas, as Irmãs Missionárias Carmelitas esforçam-se pela vivência do Carisma Fundacional, adaptando-o às exigências dos tempos, lugares e costumes da época. Tudo mudou. Porém o Evangelho que não muda, se adapta a qualquer situação, e nele está radicada a missão em busca do Reino do Pai.

O Frei Casanova se distinguiu, especialmente, pelo seu apostolado de evangelização do pobre no Nordeste Brasileiro e pela sua extraordinária devoção

a São José. Dedicou todas as suas energias à restauração da Província Carmelitana de Pernambuco e à pregação de missões populares. Essa ampla visão apostólica, sem fronteiras, na difusão do Evangelho, propiciou às Irmãs, uma abertura aos apelos da Igreja, hoje, partindo para um trabalho mais junto ao povo, em lugares mais necessitados do anúncio da Palavra de Deus.

A MADRE CARMELITA, co-fundadora, se distinguiu pelo amor, sem medida, a Jesus Cristo, na pessoa dos mais pobres e pela confiança inabalável na Providência Divina. Mulher forte, capaz de renunciar a tudo por amor a Deus, à Igreja e à Congregação. Hoje, as Irmãs fazem 50 anos de missão no Nordeste do Brasil, numa tentativa de que o Reino de Deus aconteça em cada recanto por onde passam, testemunhando o Cristo, que disse: "IDE E ENSINAI A TODOS OS POVOS..." E o padre fundador, que disse: "IDE AONDE NINGUÉM QUER IR...".

E assim, atuam em Pernambuco (Pequenas Comunidades, periferia do Recife e na zona rural e em Escola na Zona urbana e Noviciado); Paraíba (Escolas, Hospital, Orfanato, Paróquia, Casa Central, Trabalho em bairro e Postulantado) e Rio Grande do Norte (Hospital e Paróquia).

**Ir. M. Goretti Queiroz de Souza**

---

### **Perguntas incômodas para a evangelização**

Como ser cristão, como ser religioso(a) num país estruturalmente injusto? Como ser cristão, como ser religioso(a) num país que exporta e produz em outros países tanta miséria e tantos crimes? Como praticar a fé nas atividades econômicas, políticas e culturais? Sem viver estas perguntas não se faz evangelização.

# O DESAFIO DA EVANGELIZAÇÃO NO LIMIAR DO TERCEIRO MILÊNIO

*O desafio não se formula tanto em termos de expressão verbal dos dogmas, em ortodoxia, mas sobretudo sob a maneira de como praticar a fé nas atividades políticas, econômicas e culturais, ortopraxis.*

**Pe. João Batista Libânio, SJ**  
Belo Horizonte, MG

Caminhamos para a virada do milênio. Ainda que haja certo artificialismo nas datas, numeração convencional do movimento dos astros, a rodarem tranqüilos e serenos pelos espaços siderais, elas não deixam, porém, de ter significado simbólico e de assim mover nossos ânimos.

João Paulo II tem insistentemente mencionado em seus escritos e discursos essa proximidade do terceiro milênio e tem-na aproveitado para despertar a Igreja a fim de que repense, revitalize e reestruture sua evangelização.

Há, sem dúvida, um nítido corte sócio-econômico e cultural que se faz divisor também da magnitude do desafio à evangelização nesse crepúsculo de milênio. De um lado, temos os países e segmentos sociais

que vivem na abundância, e doutro lado uma gigantesca massa de pobres, que povoam sobretudo os países do terceiro mundo. Esta dupla situação, ora convivendo num mesmo país, ora separada por fronteiras geográficas, coloca problemas e desafios à Igreja na sua tarefa evangelizadora, uns para toda ela, outros diferentemente conforme a textura social.

Uma divisão rígida entre desafios dos países ricos e dos países pobres à evangelização pode não dar conta da realidade, já que os problemas se espalham hoje com a rapidez das manchas de óleo sobre a superfície lisa do lago. Por isso, será mais claro e objetivo, ver os núcleos de problemas e desafios e como eles repercutem diferentemente nos países e camadas sociais.

## 1. O SURGIMENTO DE UM "HOMEM TRANSNACIONAL"

### O fato

Num livro que na década de 60 causou impacto, H. Marcuse estudou a ideologia do homem unidimensional, fruto da sociedade e da ideologia da sociedade industrial avançada. Esta sociedade unidimensional, com um pensamento também unidimensional, gera e é gerada por um homem fadado a esta mesma unidimensionalidade (1).

Parecido com esse aspecto, salientamos outro dado dessa mesma sociedade tecnológica avançada: o surgimento de um homem transnacional no seu mundo de valores.

Para Marcuse, a unidimensionalidade vem, em relação à sociedade, das novas formas de controle, do fechamento do universo político, do progresso da racionalidade tecnológica liquidadora dos elementos de oposição e transcendentais da "cultura superior" e do fechamento do universo de locução, e, em relação ao pensamento, ela se deixa plasmar pela derrotada lógica do protesto, pela racionalidade tecnológica e pela lógica da dominação, enfim, pela filosofia unidimensional.

Marcuse faz uma leitura político-cultural do fenômeno. O fato interessa-nos, no quadro de nossa reflexão sobre a evangelização, no referente à criação de um mundo transnacional de valores, que vai criando esse homem tão igual em todas as partes, na sua mentalidade e apreciação axiológica. É a ele que se dirige o Evangelho. É o conhecimento de tal mentalidade de valores é fundamental para a evangelização.

Este "Time-man", homem que lê em todas as partes do mundo esse semanário americano ou outro forjado na mesma perspectiva, é fato inconcusso no Ocidente e em lugares onde a presença ocidental é marcante.

### Fatores geradores

O fator decisivo são os cavaleiros avançados do **capitalismo**. Vão implantando violenta ou infiltrantemente as estruturas econômicas desse gigantesco sistema de produção capitalista, através sobretudo das poderosas corporações transnacionais industriais, comerciais e financeiras.

A cavalo vem o universo de valores em que se funda o sistema e que ele realimenta vigorosamente. Apesar dos inúmeros profetas da agonia do capitalismo, ele continua avançando por todas as partes, reforçando suas estruturas, domesticando novas culturas e regiões.

Este capitalismo avançado tem desenvolvido enormemente **os meios de comunicação social**, retendo-os nas mãos de pequenas mas poderosas minorias. Elas aumentam através deles seu raio de ação e a força de impacto, veiculando os seus valores próprios a todos os rincões, gerando profunda homogeneização das mentalidades e da cosmovisão de valores.

Esta explosão dos meios de comunicação social, de um lado, é fator de criação desse homem trans-

nacional, de outro, torna-se ela mesmo um primeiro desafio à evangelização. Esses meios são hoje um componente da inteligência coletiva. Atualmente tudo pode tornar-se uma experiência universal, desde que caia sob o interesse político e cultural das agências controladoras de tais meios.

Se de um lado, eles podem levar a uma ampliação de conhecimentos, a uma maior compreensão e tolerância entre os povos, raças, classes, através de grandes comunhões nas catástrofes, nos sofrimentos humanos, de outro lado, constituem-se novas formas de colonialismo e de dependência.

Está-se criando uma "cultura popular", "made in USA", com a produção barata de video-tapes, onde a violência e o sexo imperam soberanos. Os países da periferia estão sendo inundados por tais produtos de baixa qualidade artística e de alto teor dissolvente em relação a seus próprios valores tradicionais, culturais, religiosos e morais (2).

Mentalidade individualista tão arraigada não pode ter nascido ontem. Os **filósofos da cultura** procuram vasculhar o passado cultural do Ocidente em busca de inteligência desse fenômeno excepcional e dessa idiosincrasia fundamental do individualismo moderno. Evidentemente, não se trata de um individualismo de sempre, inerente à natureza humana, ligado até mesmo à sua estrutura instintiva de auto-conservação, autoproteção. Nem talvez se deva remontar sua origem unicamente ao Renascimento ou à

emergência da burguesia no alvorecer da idade moderna.

A verdade histórica parece bem mais complexa. Seguimos as pegadas de L. Dumont (3), que nos propõe tese bem sugestiva.

Há um individualismo já presente quer no início do cristianismo, quer nas escolas helenísticas. Este individualismo cristão manifesta-se por dupla valência. Esse indivíduo, nascido do ensinamento de Cristo, é-o "em-relação-a Deus". É um indivíduo, de um lado, essencialmente fora do mundo e, de outro, situado na sua individualidade solitária diante de Deus. As escolas helenísticas também ensinam uma sabedoria de renúncia ao mundo, de despreendimento da vida social, fazendo do indivíduo um valor, em contraposição a uma pólis auto-suficiente. Agora o indivíduo se basta a si mesmo.

O individualismo moderno inverte a valência do indivíduo em-relação-a-Deus e fora-do-mundo para um indivíduo-no-mundo e já distanciado de Deus. Foram necessários 17 séculos para que esta inversão se desse.

Este individualismo foi traduzindo-se cada vez mais numa **forma de ateísmo**. Num primeiro momento se travou verdadeira batalha contra Deus. O Deus da Transcendência, que ocupava praticamente todo o espaço dos valores humanos, é violentamente afastado em nome destes mesmos valores. Lentamente, cada esfera da cultura humana foi decretando sua absoluta independência em relação a Deus, quer sob uma eufemística forma de precisão me-

todológica, quer já sob a forma de absoluta autonomia. Assim o cientista elabora suas hipóteses em busca de verificação, "como se Deus não existisse". Nos inícios do século XX esta absoluta autonomia atingia com S. Freud a interioridade mais profunda do homem, não simplesmente através de técnicas psicanalíticas, mas através de uma compreensão do homem, onde a figura de Deus se esvai entre as patologias de nossas relações com nosso pai terrestre.

Morto Deus, não há outro personagem que possa ocupar o vazio infinito deixado por Ele a não ser o homem. Este homem se faz absoluto. O decreto da morte de Deus teve que ser muito justificado filosoficamente já que toda a longa tradição escolástica O colocava bem no centro. Evidentemente, esse entrevero teórico ocupava unicamente a "intelligentsia" filosófica. Mas as sobras pragmáticas e as conseqüências para o cotidiano iam atingindo lentamente o comum dos mortais, de tal modo que hoje esta mentalidade individualista secular é, sem dúvida, uma forma de ateísmo prático, não-militante, mas extremamente dissolvente de toda forma de fé em Deus.

Restringindo nossa reflexão ao capitalismo vigente em nossos países, vemos que ele fecha o círculo do individualismo. De um lado, alimenta-se da ideologia individualista, doutro reforça-a com o tipo de consumismo e de atitudes comportamentais que continuamente gera.

O princípio absoluto desse sistema de produção é a propriedade particular, a acumulação de capital,

o lucro dos produtores. Tais fatores são profundamente carregados de ideologia individualista e robustecem-na à medida que são praticados pelo sistema econômico. A forma política que tal sistema encontrou em nossos países periféricos vem reforçar mais ainda tal individualismo. Os partidos políticos, que, em sua forma ideal, possuem programas sociais e se estruturam com, pelo menos, um mínimo de participação das bases, têm degenerado ou já nasceram viciados em função de indivíduos. Há nítida inversão do serviço do indivíduo ao partido, para o serviço do partido aos indivíduos. Por isso, assistimos à melancólica disputa de cargos, de campos de influências entre os políticos à margem e à custa dos interesses sociais.

Quando um individualismo é gerado e reforçado por estruturas econômicas, políticas e culturais, sua força se faz cada vez maior. Até o Concílio Vaticano II predominam, além disso, formas religiosas no mundo católico, para restringirmos a ele, também elas extremamente individualistas. Tornou-se simbólica a consigna dos missionários populares e repetida tão frequentemente nas pregações e retiros espirituais: "Salva a tua alma". Nada mais expressivo do individualismo espiritual que a concepção de homem como "alma". Esta pensada unicamente diante de Deus, destacada do mundo e muitas vezes de sua inserção social.

Poderíamos multiplicar os fatores gerados. Esses poucos indicados já servem para dar-nos uma idéia da profundidade, amplitude e diuturni-

dade da mentalidade individualista em nossos países e cultura.

## Em que consiste

Este homem transnacional é o individualista de nossa sociedade moderna. Para captá-lo no comportamento diário, nada melhor que surpreendê-lo com uma bateria de perguntas à espera de respostas reveladoras. E hoje os institutos de pesquisas já se adestraram em organizar tais questões a fim de colher dados valiosos, e assim organizar o perfil desejado.

A Europa rica — Alemanha, Itália, Grã Bretanha, França, Irlanda, Espanha, Dinamarca, Bélgica e Holanda — resolveu passar por um crivo de perguntas em vista de perceber quais são os valores fundamentais que comandam o comportamento de seus habitantes. Criou-se uma fundação, em Amsterdam, por parte do “European Value Systems Study Group”, que, com a ajuda de quatro renomados institutos de pesquisa, se incumbiu da tarefa da sondagem. Tal trabalho encontrou diferentes versões e interpretações. Apoiados na versão francesa, encontramos nessa pesquisa uma radiografia eloqüente desse homem transnacional (4).

Ao ler tal resultado, percebi que ele também vale em relação a cidadãos brasileiros que compartilham do mesmo nível de vida econômica e cultural dos países ricos.

Este homem transnacional centra-se em si mesmo, em sua própria pessoa. Este é o grande valor que o norteia. Os critérios de segurança,

por exemplo, são pensados, não em função da proteção da própria pessoa. Assim, numa lista de instituições apresentadas pelos pesquisadores, aquelas que mais gozam de confiança são a polícia, o exército e o sistema judiciário. Todas elas pensadas para defender “esta pessoa”. Em seguida vem aquelas que conferem a esse homem moderno a segurança de desempenho: o sistema escolar e universitário. E a estrutura que pior cotação recebeu foi a que, numa visão social, é fundamental, a saber, o sindicato mas que, numa perspectiva individualista, incomoda com suas reivindicações e greves.

A centração na própria pessoa manifesta-se no duplo movimento da escolha dos valores que a protegem e lhe interessam, e da rejeição daqueles que lhe causam incômodo. Essa bipolaridade deixa-se entender precisamente pela preocupação central com a própria pessoa. Os valores principais resumem-se, no final das contas, em tudo que satisfaz essa “minha pessoa”, tais como: felicidade, segurança, liberdade de ação e de decisão, valorização do auto-respeito, atividades agradáveis, domínio do destino pessoal, realização de si, autoconfiança em si, manter alto saldo afetivo, etc.

Por sua vez, essa pessoa gira em torno do sol da felicidade. A felicidade é medida por duas coordenadas: satisfação e chance. A felicidade aparece, por conseguinte, como o maior valor nessa pesquisa. Por isso, com certa ironia, comentava o famoso jornal francês “Le Monde”, esse resultado. “Existe a felicidade, os europeus a descobriram.” Assim

quando esse europeu médio, o homem transnacional, se pensa, se julga, se avalia, ele se sente feliz, pois o saldo de suas aspirações e buscas é positivo. Três quartos dos europeus se dizem felizes, sendo que um quinto se crê muito feliz. Somente um centésimo se confessa de modo nenhum feliz.

A felicidade é medida pelas satisfações realizadas. E as maiores satisfações se situam na família, na profissão e nas condições econômicas, nessa ordem. Além disso, a boa saúde pesa altamente nesse grau de felicidade satisfeita.

Portanto, quem é esse indivíduo moderno? É alguém autocentrado. Coloca sua pessoa no centro de tudo. E essa pessoa busca a felicidade com todas as veras. E a felicidade consegue-se com a satisfação de suas necessidades familiares, profissionais, econômicas, etc. . .

### Algumas decorrências

Dentro dessa configuração do homem transnacional, salta aos olhos uma série de outros desafios. Modifica-se fundamentalmente a **concepção de família**. Passa-se de uma família em que a presença do(s) filho(s) era determinante, estruturante, para aquela em que a satisfação e prazer do casal é o critério decisivo. Noutras palavras, pensa-se antes num matrimônio-casal que num matrimônio-família. E do casal vale a expressiva frase de poeta brasileiro: "eterno enquanto dura".

Evidentemente, tal viravolta na concepção da família implica em sérias conseqüências para o procedi-

mento moral sexual, já que a satisfação sexual, o entrosamento afetivo entre os cônjuges, ganham relevância única em detrimento de outros valores tradicionais.

Por muitas razões sócio-culturais, de longa data, tinha-se negado à **mulher**, mais do que a ninguém, grau de autonomia e o direito de sua auto-satisfação. Era pensada em função do marido e dos filhos, simbolizados no cuidado da casa, nas tarefas domésticas.

Esta tríade constitutiva desse homem-indivíduo — a própria pessoa, a felicidade como satisfação das necessidades — afeta a mulher, sobretudo depois da ampla vulgarização que se deu ao Relatório Hite sobre a sexualidade feminina. Os momentos de negação das negatividades — no caso da mulher: a negação da submissão, da privação e da renúncia de suas satisfações —, historicamente costumam manifestar-se de modo mais incisivo. Assim o movimento feminista tomou a peito essa afirmação da mulher em reação às negatividades do passado, de modo consciente, organizado e expressivo. Verdadeiro desafio a uma evangelização tão formulada no interior da cultura machista.

Como verdadeiro e ameaçador avatar dessa autocentração na busca da felicidade do indivíduo surge a problemática da **droga**. Aqui os números crescentes estarrecem. Os interesses se implicam e se complicam. O Organização Mundial da Saúde estima o número dos dependentes da maconha, da heroína, etc. . . nuns 300 milhões de pes-

soas. Atualmente, o comércio de droga significa entre 8% a 9%

anual do volume total do comércio mundial (5).

## 2. DESAFIOS DA MISÉRIA, DA MARGINALIZAÇÃO, DA INJUSTIÇA SOCIAL

### O fato

O fato chega-nos aos olhos pela via da experiência pessoal, diária, concreta e pela via da informação sistematizada. Ainda que a experiência pessoal seja fragmentária, possui, porém, a força do impacto direto.

Assim, nenhuma pessoa que não seja cega ou surda pode em nossos países desconhecer, por experiência, o fenômeno da miséria e marginalização, com conseqüente percepção ética da injustiça social.

Os nossos pastores reunidos em Puebla perceberam tal fenômeno como "um clamor" que em Medellín era "surdo", mas "agora é claro, crescente, impetuoso e, nalguns casos, ameaçador". Clamor que nasce de milhões de explorados, colocados em situação de "extrema pobreza" (Puebla, n. 88-90).

A descrição do fato em Puebla adquire as cores mais fortes e gritantes. Fala-se de uma situação de pobreza extrema, desumana, generalizada e até de miséria das imensas maiorias de nossos irmãos (Puebla nn. 31,90,1129,1159,1207). Grandes massas são excluídas da vida produtiva (n. 1207), da participação social (nn. 44,1208).

O problema da fome no mundo é dramático. Evidentemente, o Terceiro Mundo é a sua grande vítima. Só na Índia, 339 milhões de pessoas

vivem em situação de muita pobreza, com menos de 200 dólares ao ano (6). E o trágico dessa situação está em que tal não acontece por falta de alimento produzido, nem de possibilidade de produção. Pois o mundo produz cada dia duas libras de grão — mais do que 3.000 calorias e copiosa proteína — para cada pessoa (homem, mulher, criança) na terra. Um terço desse grão alimenta animais domésticos. Além do mais, menos que 60% da terra cultivável no mundo está sendo utilizada. Na África e na América do Sul, menos de 20% dessa terra é aproveitada (7).

Ao problema dos marginalizados pela pobreza e miséria, somam-se aqueles que são obrigados a refugiar-se em outras regiões e países pelas mais diferentes razões. Contabilizam-se hoje uns 7,8 milhões de refugiados, sendo a maioria da Ásia.

Mesmo nos países desenvolvidos, ameaça o espectro do desemprego e da desocupação. Na Europa, entre 1973 e 1983, os países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) viram aumentar de 8,8 milhões para 29,1 milhões o número de pessoas, em idade de trabalhar, que estão desocupadas. Tal fenômeno afeta sobretudo os jovens (8).

### Os fatores geradores

Os fatores geradores de tal situação de miséria, marginalização e in-

justiça social são assaz conhecidos no nível macroestrutural. Em termos gerais, os autores se referem à ordem econômica internacional, estabelecida no pós-guerra pelos acordos de Bretton Woods (1944) e que receberam contínuas atualizações cosméticas, mas que permanecem até hoje firmes e vigentes. Já é lugar comum dos discursos dos políticos, sobretudo do Terceiro Mundo, de que se faz mister profunda revisão em tal ordem, já que ela é causadora dessa situação insustentável.

A dívida externa dos países do Terceiro Mundo tem sido o sintoma que mais evidencia tal desajuste sistêmico, mostrando as suas monstruosas conseqüências.

Puebla fala de estruturas econômicas, sociais e políticas, em nível nacional e internacional, como causadoras da miséria de nosso povo (nn. 30, 64, 47, 1208, 1135; nota 331).

Não se faz necessário repisar telas infelizmente já gastas de tanto serem batidas, mas que continuam verdadeiras na sua rudeza e verdade.

### **Em que consiste**

O desafio consiste na própria possibilidade e credibilidade da evangelização. Pois é sabido que a taxa maior de injustiça se encontra sobretudo em muitos países de

origem cristã e causados por outros países, também chamados e proclamados cristãos.

Antes de tudo, a pergunta se formula a todo cristão sob a forma de autenticidade. Como ser cristão num país estruturalmente injusto? Ou como ser cristão num país que exporta e produz em outros países tanta miséria e crimes? Pergunta que afeta aos cristãos, tanto dos países do primeiro como do terceiro mundo.

Houve momento em que europeus, que vieram a nossas regiões, rasgaram suas vestes de tanto escândalo diante das terríveis injustiças sociais que aí viam. Alguns chegaram mesmo a afirmar: "A América Latina vive em pecado mortal".

Hoje ficou mais claro que "este pecado mortal" é compartilhado por todos esses países que puritanamente se escandalizaram, esquecendo-se de que eram eles uns dos primeiros e principais geradores e sustentadores de tanta injustiça.

O desafio, portanto, não se formula tanto em termos de expressão verbal dos dogmas, em ortodoxia, mas sobretudo sob a maneira de como praticar a fé nas atividades políticas, econômicas e culturais. É um clássico desafio de "ortopraxis", que, naturalmente, está altamente relacionado com a leitura e interpretação da própria fé (ortodoxia).

### **3. DESAFIOS MÚLTIPLOS**

Poderíamos prolongar ao infinito a listagem dos desafios à evangeli-

zação. Julgamos que os anteriores, um mais referente ao mundo da

modernidade transnacionalizada, outro à situação de gritante injustiça social, constituem de fato os maiores desafios para as próximas décadas em nossos países. Com eles, entraremos no terceiro milênio.

Entretanto existem muitos outros desafios também graves. A realidade das *guerras* em curso, de um lado, e a vertiginosa *corrida armamentista* doutro, desafiam uma evangelização dos anunciadores da paz. Tanto mais grave é esse desafio quanto cada vez mais as economias dos países ricos e em desenvolvimento se baseiam na indústria bélica. O Brasil já se classifica entre os grandes produtores e exportadores de armas. E sobre tal dinheiro queremos construir nossa grandeza futura. E que pode um pobre evangelho que fala de "bem-aventurados os promotores da paz, porque serão chamados filhos de Deus" (Mt 5,9) diante de arsenais gigantescos de armas nucleares ou não?

Outro desafio vem dos números. As forças evangelizadoras parecem pequenas diante do *crescimento demográfico da humanidade*, já que o crescimento populacional se dá sobretudo nos países não-cristãos. Assim a China e a Índia serão, no ano 2000, 36% dos habitantes do mundo, que, então, atingirão a cifra

de 6,1 bilhões. Também nessa perspectiva dos números, a *porcentagem das grandes religiões* favorecerá o Islamismo. Esta é a única religião mundial em crescimento, enquanto que o Cristianismo e o Hinduísmo permanecem estáveis e o Budismo sofre ligeiro decréscimo.

Ao lado das religiões mundiais, proliferam *seitas e novas igrejas*. Este fenômeno adquire um duplo colorido. Tem naturalmente uma dimensão religiosa que vem responder a certas expectativas subjetivistas e individualistas desse homem transnacional, e nutre também um clima milagreiro, tão a gosto das camadas populares. Mas também insere-se tal reviviscência religiosa de seitas numa geopolítica de colocação direitista a fim de anestesiar as lutas sociais e populares de modo especial na América Central e do Sul.

Só para terminar uma lista infundável, merece menção a grave problemática que as *ciências*, máxime a *biotecnologia*, levantam à inteligência ética e religiosa dos cristãos. A manipulação da vida, a realidade mais sagrada para toda a tradição bíblico-cristã, coloca em cheque o coração mesmo da evangelização. Deus é o Senhor da Vida. E o homem quer dominá-la sem limites. Verdadeiro demiurgo divino.

#### 4. CONCEITO DE EVANGELIZAÇÃO

Evangelização é o evangelho em movimento, a caminho, em direção a uma nova situação histórica, psicológica e cultural. É o evangelho que busca penetrar novas regiões da

cultura humana, novas esferas do existir dos homens.

Por isso, três elementos constituem estruturalmente esse processo

evangelizador: o evangelho enquanto é dado primordial, revelado, ação de Deus; a cultura em que ele se exprime (cultura veicular) e a cultura e situação humana a que ele se dirige (9).

#### a. O Evangelho: dado primordial

Pertence à consciência tranqüila da Igreja que existe um dado primordial, uma notícia única e original comunicada por Deus. Há uma iniciativa de Deus. Há um ato de Deus, que não é cultura humana, que não é criação dos cérebros terrestres. Entendemos por cultura a iniciativa humana que se projeta e se traduz em formas objetivadas, dentro do devir humano e histórico. Nesse sentido, o evangelho não é cultura.

Há um evento fundante, há um "kairós", uma intervenção gratuita, livre, soberana de Deus, irredutível à totalidade das experiências humanas. Em termos teológicos, há uma realidade transcendente no evangelho. É evangelho *de Deus*. Há uma imediatez *de Deus* nessa mensagem.

Há uma livre decisão de Deus de comunicar-nos algo de sua vida íntima, de seu projeto salvífico sobre a humanidade. Deus sai de seu silêncio eterno. Volta-se sobre os homens para dizer-lhe uma palavra que é ao mesmo tempo revelação de sua própria interioridade divina.

#### b. Cultura veicular

O homem é um ser essencialmente cultural. A cultura é a mediação indispensável da comunicação de suas consciências. Toda atividade

humana, enquanto humana, está revestida de significação para o outro. O ser humano é relacional. Sua liberdade está sempre em relação com outra liberdade. Por isso, vai transformando a natureza e criando cultura. A cultura é sempre histórica e social. Histórica porque se constrói na sucessão do tempo e dos eventos, no interior de um eixo permanente de sentido. Social, porque ela se constrói na relação com as outras pessoas.

Por isso, cultura é no sentido ativo um processo de transformação que o homem impinge às realidades múndicas num horizonte de sentido. E cultura no sentido objetivo é a sedimentação de todas essas construções significativas do homem.

Deus quer falar ao homem. Deus quer revelar algum "flash" de sua intimidade. Deus quer relacionar-se com o homem. Não o poderá fazer fora da cultura. Assim esse dado primordial do evangelho só atinge o homem mediante e mediadamente pela cultura. Faz-se mister uma cultura veicular do evangelho.

O evento fundante, o dado primordial da revelação de Deus está orientado a encarnar-se numa cultura, já que ele é dirigido a um ser humano, cujo húmus de comunicação de consciência é a cultura. A evangelização deve seguir a dupla lei fundamental de toda comunicação de Deus ao homem: lei da transcendência e lei da encarnação.

A *lei da transcendência* garante a veracidade, a verdade de Deus. É revelação de Deus. É evangelho de Deus. Ninguém pode criá-lo. Nin-

guém pode manipulá-lo. Ninguém pode apossar-se dele. A *lei da encarnação* é exigência da condição humana. Só atinge o homem aquela realidade que se apresenta banhada por sua cultura. A cultura humana é mediação necessária do Dado transcendente.

A originalidade da evangelização está, em primeiro lugar, nesse primeiro encontro entre a Palavra reveladora de Deus e a primeira cultura veicular. Não se fez, sem mais, uma simbiose, uma justaposição, uma assimilação igual de ambas as partes. A Palavra de Deus — o evangelho enquanto dado primordial — e a cultura humana não se situam em pé de igualdade.

Já no início houve uma conversão da cultura semita, da cultura grega, da cultura romana para poderem ser as culturas primeiras da evangelização. Por isso, podemos dizer que o evangelho pregado e o evangelho escrito é a forma encarnada histórica do dado primordial transcendente na cultura do momento inicial desse processo, através de uma conversão dessas culturas a fim de serem tal veículo privilegiado. E o dom da inspiração e da inerrância é a garantia do Espírito Santo de que tal processo se fez sem

adulterar a integridade do dado primordial.

Já desde o início o dado primordial teve que debater-se com a terrível tentação de toda cultura, de tornar-se hegemônica, absoluta, inconvertível. Ela tende a aprisionar em suas malhas, pela sua força de conservação, os valores que uma vez aí entraram, ou também formas desviantes do agir humano. Assim um judeu extremamente nacionalista, segregador, preso a seus ritos religiosos, teve que ver sua cultura rasgada pela força universalista, sem preconceitos religiosos, da experiência cristã.

Por isso, tal processo de conversão da cultura, que já se processou desde o início da evangelização, deve-se repetir diante de todo novo momento cultural e de toda nova cultura. Surge então a pergunta que nos persegue desde o início: como evangelizar esse homem transnacional e essas situações de injustiça estrutural? É o passo, é o movimento de um evangelho — dado primordial e cultura veicular inicial — para dentro de uma nova situação, produzindo a conversão dessa situação, mas também uma nova cultura veicular do evangelho para o momento atual.

## 5. A EVANGELIZAÇÃO EM DIREÇÃO AO TERCEIRO MILÊNIO

Este homem transnacional e esta situação de injustiça ainda persistirão como os grandes desafios para esse processo de evangelização. A pergunta traduz-se agudamente na busca de uma cultura que veicule o evangelho — sem falsificá-lo —

mas para dentro dessa nova situação sócio-cultural, em forma de apelo a uma conversão compreensível e mesmo desejável.

Tentando compreender como a cultura ocidental evoluiu de uma

cultura em que o ser humano se perdia na coletividade, para uma radical autonomia, primeiramente diante de Deus e depois na solidão de seu "eu", de um lado, e de uma cultura de distância do mundo para uma imersão total nesse mundo, de outro, podemos encontrar algumas pistas para nossa evangelização.

No Ocidente capitalista, a autonomia e a inserção no mundo se fizeram à custa da perda da transcendência e da comunhão com os outros. O sentido de povo — cultura semita — e de pólis — cultura grega — esvaiu-se em proveito de um indivíduo-diante-de-Deus ou de indivíduo-valor num primeiro momento, ainda distante do mundo, para num momento ulterior perder-se nesse mundo, mas profundamente centrado em seu individualismo.

O evangelho de Jesus apresenta precisamente a possibilidade de viver a dimensão da individualidade, mas sem perder o aspecto de comunidade, de fraternidade. Para fazê-lo, mostra como esse estar-diante-de-Deus não isola, nem fecha, a pessoa em seu individualismo, pela simples razão de que esse Deus é comunidade, é Trindade, e também porque Ele se revela precisamente na pessoa histórica do Filho, que vai viver profundamente a dimensão do estar-com-os-outros e ser-para-os-outros.

Somente um evangelho que conserve essa dupla dimensão fundamental da pregação de Jesus de liberdade-diante-de-Deus, de autonomia responsável diante do Pai, não para fechar-se em si nem para deitar-se numa autocomplacência hedo-

nista, de um lado, e de fraternidade, de estar-com-o-irmão, de ser-para-os-outros, de outro, tem condições de converter esse homem unidimensional e transnacional, fechado na sua individualidade egótica, e de provocar ações de compromisso com a mudança de estruturas de injustiças, fruto também elas desse mesmo movimento egocêntrico.

Estar-diante-de-Deus na autonomia radical da própria liberdade, mas ao mesmo tempo, ser-com-os-outros na fraternidade, na comunidade, na comunhão, vem romper precisamente os dois pecados fundamentais do momento cultural presente, de estar-só-diante-de-si e imerso-num-mundo em função de si (indivíduo ou classe, mas enquanto esta não passa de prolongação dos próprios interesses individuais).

O sentido de transcendência faz-se mister para romper com a abolutização de qualquer projeto humano, histórico, e para também arrancar o homem do trono divino a que aspira, colocando-o com realismo na sua verdadeira situação de fragilidade, de ser necessitante, antes de tudo, do perdão e do amor de Deus. O sentido de transcendência permite ao ser humano ter a proporção exata de sua grandeza, que não substitui a divina, nem concorre com ela, mas vive dela e se constrói precisamente a partir dela.

Este sentido de transcendência liberta a liberdade de tantas abolutizações que fomos criando ao longo da história, quer sob forma religiosa, quer em nome de tradições e costumes os mais sacrossantos. Nisso o

evangelho responde a esse profundo anseio da modernidade de liberdade, defendendo-a de fechar-se num egocentrismo autodestruidor.

Mas para o evangelho tal sentido de transcendência não é verdadeiro se não se personaliza. Deus não é uma essência obscura, nem uma força anônima e invadente, mas três pessoas. Deus é comunidade. E o homem, criado à sua imagem, só se entende e se realiza dentro de uma autocompreensão comunitária. E a comunidade se constrói, antes de tudo, na fraternidade em relação aos marginalizados, aos mais pequeninos, salvando assim o homem de seu isolamento e criando condições de maior justiça em seu mundo ambiente.

A liberdade do homem diante da Trindade o faz comunidade. Pois não consegue pensar-se fora dessa relação com a comunidade divina. Esta, por sua vez, chama-o a fazer e viver comunidade.

Estas comunidades já são antecipação, ensaios da comunidade escatológica e para além da morte, onde toda a história humana, no que tem de positividade, de amor, de justiça, de beleza, será definitivamente glorificada.

A humanidade vem atormentada pela tensão fundamental entre igualdade e justiça sem liberdade, ou liberdade e autonomia sem justiça e igualdade. As grandes utopias orientam-se, ora na direção da liberdade, à custa da igualdade e justiça, ora na direção da justiça e da igualdade, a custa da liberdade.

Ambas esquecem dos elementos constitutivos quer da liberdade, quer da justiça. A liberdade constitui-se fundamentalmente diante de Deus e não diante de si. Esta falta de transcendência degrada a liberdade. A justiça, por sua vez, esquece-se de para quem ela se faz. Faz-se justiça antes de tudo para aqueles que são incapazes e impotentes de fazer valê-la por si mesmos. E também ela nasce dessa liberdade diante da comunidade trinitária. Sem a Trindade, sem a preocupação contínua e perseverante pelo menor da comunidade, a justiça também se degrada.

## CONCLUSÃO

No limiar do terceiro milênio nos encontramos com o evangelho nas mãos, que vem salvar-nos a liberdade e a justiça, o indivíduo e a coletividade. A liberdade humana é salva de seu egocentrismo pela consciência da transcendência. A justiça é salva das absolutizações de projetos que sempre deixam à margem os menores e esquecem que a fonte de toda comunidade é a própria Trindade e o homem criado à sua imagem e semelhança.

No limiar do terceiro milênio, os cristãos precisam voltar ao dogma central da Trindade. Só a comunidade trinitária nos salva. Porque o único Deus verdadeiro é trino, é comunidade, é liberdade absoluta em comunhão. As nossas liberdades que não comungam, não são liberdades, mas degradação. As nossas fraternidades que oprimem e eliminam, não são fraternidades, mas degradação. Só a liberdade diante

da Trindade liberta. Só a comunidade livre liberta. É a liberdade-diante-da-Trindade em comunhão,

em comunidade, que pode ser anúncio libertador para o terceiro milênio que desponta.

## NOTAS

(1) H. Marcuse, *Ideologia da Sociedade Industrial*, trad. bras., Zahar ed., Rio 1967. (2) *Veinte Años del Vaticano II*, *Pro Mundi Vita*, boletín 102, 1985/3 p. 12. (3) L. Dumont, *Essais sur l'individualisme. Une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne*, ed. Du Seuil, Paris 1983. (4) J. Stoetzel, *Les valeurs du temps présent: une enquête européenne*, PUF, Paris 1983. (5) *Veinte*

*Años del Vaticano II*, art. cit. p. 8. (6) *Veinte Años del Vaticano II*, art. cit. p. 8. (7) F. M. Lappé — J. Collins, *Food First. Beyond the myth of scarcity*, Ballantine Books, N. York 1979, pp. 13ss. (8) *Veinte Años del Vaticano II*, art. cit., p. 7. (9) G. Cristaldi, *Evangelização e Cultura*, in: *Atualização* 6(1975) n. 63 pp. 91-102. □

---

## O Religioso Irmão na Igreja

Não se pode pensar na Vida Religiosa, na Igreja, sem a presença desta particular vocação. Perante a beleza desta vocação dos Irmãos na Igreja, a perfeição de sua identidade religiosa e as renovadas possibilidades de presença, só me resta um desejo: que todos os Pastores saibam promover esta específica vocação de consagração religiosa, sem a qual faltaria algo à vitalidade das Igrejas particulares, especialmente das mais jovens, *João Paulo II*, em 24 de janeiro de 1986.

### É possível um individualismo cristão?

Sim. É possível. Há um individualismo já presente no início do cristianismo. Ele se manifesta em dupla valência. Nascido do ensinamento de Cristo, esse indivíduo é-o "em-relação-a-Deus". É um indivíduo essencialmente fora do mundo, situado em sua individualidade solitária diante de Deus. Esse estar-diante-de-Deus não isola nem fecha a pessoa em seu individualismo. Ninguém mais do que Jesus esteve-diante-de-Deus, Deus que era e é. E ninguém, como Ele, viveu mais profundamente a dimensão do estar-com-os-outros e ser-para-os-outros. Já o individualismo não cristão inverte a valência do indivíduo em-relação-a-Deus e fora-do-mundo para um indivíduo-no-mundo e distanciado de Deus. Este individualismo é, cada vez mais, uma forma de ateísmo. Leia, à página 19, "O Desafio da Evangelização no Limiar do Terceiro Milênio".

# EVANGELIZAÇÃO, INCULTURAÇÃO E VIDA RELIGIOSA

*Como desenvolver formas de vida, de ação e comunicação apostólica que, efetivamente, respondam às realidades sócio-culturais-eclesiais concretas às quais queremos servir segundo a índole do nosso carisma?*

**Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ**

Rio de Janeiro, RJ

Um escritor, que no início deste século fez uma viagem pelo mundo, disse, depois, que, por toda parte, só encontrou duas coisas muito iguais a elas mesmas: os ovos de galinha e os jesuítas. Num e noutro caso, já seria bem difícil dizer hoje a mesma coisa. Vamos ver porque. O título deste artigo, que assim me foi pedido, delineia, de modo claro, o conteúdo e o desenvolvimento do texto.

## **Evangelização, Igreja e Vida Religiosa na América Latina.**

Não podemos negar o notável esforço e o alcance dos resultados do processo evangelizador da América Latina. Mas podemos afirmar, por certo, que, nos últimos cinco séculos, a evangelização se fez aqui sem primordialmente preocupar-se com a inculturação da fé. Foi assim em geral no mundo. Mas aqui o preço da Conquista e da concomitante ou subsequente evangelização

foi, não raro, a destruição das culturas pre-existentes ou o desrespeito a elas. O transplante socio-cultural de elementos e padrões ibéricos eclipsou ou reprimiu as culturas autóctonas pre-colombianas, fossem elas expressões de grupos tribais de pequena escala, fossem patrimônio de sociedades complexas, com definidos traços e documentos de civilização. Em consequência, com poucas exceções, nossas culturas latino-americanas sofreram uma fratura cultural, da qual ainda hoje se ressentem. Esta fratura se manifesta na sua dependência e mimetismo, na sua fragilidade, inferioridade e insegurança. Essas culturas se foram tornando complicados mosaicos de influências várias e contrastantes, em busca ainda hoje de suas próprias identidades. Isto se espelha na dificuldade que experimentam quase todos os nossos países ao não poderem se apoiar bastante em inspirações culturais marcadamente nossas quando tentam configurar

nossas sociedades e suas instituições. Há mesmo, pelo contrário, dados culturais nesses mosaicos que dificultam gravemente a definição e construção de nossas sociedades.

A implantação da vida religiosa em nosso meio, através sobretudo das congregações e ordens internacionais, seguiu, em princípio, o mesmo paradigma. Até muito próximo de nós no tempo, mantinha-se aqui a visão do evangelho e do carisma religioso fortemente subordinada à perspectiva do contexto de origem do instituto ou nele predominante. Da mentalidade homogênea, passava-se à uniformidade em quase tudo: a língua e a linguagem, os trajes, a arquitetura dos prédios e dos templos, a formação de pessoal sempre muito igual aqui ou lá, os modos e critérios de julgar e de agir. Apesar de presentes nas dioceses, solicitados e aprovados pelos bispos, os religiosos conduziam sua ação apostólica própria, com um cunho maior de autonomia que de inserção eclesial.

A tendência a mudar este quadro em suas linhas fundamentais ainda não completou vinte anos em muitos institutos religiosos. Alguns poucos ainda mantêm intacto, ou quase, o modelo anterior. Muitos tentam substituir aquela uniformidade por uniformidades sucedâneas ou setoriais. Trocam-se métodos e discursos, mas retém-se o paradigma. Um grande número, sem dúvida, abriu-se para uma evangelização inculturada, sensível à realidade da Igreja e da sociedade-cultura em que trabalha. Isto vai levando, como consequência um pouco mais lenta

mas não menos real, à inculturação também da própria vida religiosa.

Esta tendência segue o ritmo e o rumo da própria Igreja. Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja se coloca sempre mais em *estado de inculturação*. Atestam-no, por exemplo:

- \* a temática conciliar e sua formulação [concepção de Igreja como povo de Deus; colegialidade e valorização das Igrejas Locais; dimensão dialogal e ecumênica; abertura crítico-construtiva em relação ao mundo moderno e nova perspectiva missionária];
- \* os sínodos mundiais dos bispos, que espelham bem a diversidade de vivência e expressão da fé nas várias igrejas;
- \* as leituras e implantações contextuais do Concílio, eventos como Medellín e Puebla e a correspondente reflexão teológica a partir e em função da realidade concreta à luz de um novo lugar social;
- \* as conferências episcopais nacionais ou regionais e a diversificação de suas percepções e atuações pastorais;
- \* as múltiplas formas de viver o evangelho a partir das coordenadas e situações concretas do povo de Deus: comunidades eclesiais de base, paróquias renovadas, movimentos e correntes de espiritualidade e de apostolado dos leigos;
- \* a experiência pessoal de toda esta diversidade vivida pelo Papa na preparação, na realização e no alcance ulterior de suas visitas pastorais pelo mundo.

Este estado eclesial de inculturação encontra-se também nas atitudes e práticas de muitos governos gerais e provinciais de institutos religiosos e é vivido, explícita e implicitamente, por não poucas comunidades religiosas locais.

Desde o sínodo sobre a evangelização, em 1974, e a publicação, por Paulo VI, da "*Evangelii nuntiandi*" (8-12-1975), avoluma-se sempre mais a reflexão sobre as relações *Fé-Cultura-Sociedade*. Há hoje um postulado amplamente aceito, teológica e pastoralmente, de que não pode haver plena *evangelização* sem real *inculturação*. Em outras palavras, a verdadeira evangelização deve ser sempre inculturada. Evangelização e inculturação não são, pois, duas realidades distintas, nem mesmo duas faces da mesma realidade ou processo. A inculturação é uma qualificação da evangelização. Ela não é, pois, um modismo teológico ou pastoral, não é uma onda nova e passageira. É algo diretamente ligado à missão da Igreja: *evangelizar*. Pela inculturação, recupera-se uma das características dos primórdios dessa missão: a de proporcionar a fé à índole cultural dos que a acolhem e vivem.

Talvez ajude-nos, a esta altura, entender-nos logo sobre o próprio termo e seu sentido.

Que é *inculturação*?

Propoño três descrições que não se excluem, antes, se completam.

\* *Inculturação* é o processo de evangelização através do qual a mensagem evangélica se insere gra-

dualmente em uma cultura. O evangelho vai sendo sempre mais vivido a partir das características próprias dessa cultura e segundo elas se reexprime.

\* *Inculturação* é o processo de evangelização pelo qual se lança no solo da cultura a semente evangélica. O germe da fé vem a desenvolver-se então nos termos e segundo o gênio peculiar dessa cultura que o recebe.

\* *Inculturação* é o processo de evangelização pelo qual a vida e a mensagem cristãs são assimiladas por uma cultura de modo que não somente elas se expressem através dos elementos próprios da cultura, mas venham a constituir-se também princípio de inspiração, a um tempo normal e força de unificação, que transforma, recria e relança essa cultura.

O que é que salta aos olhos de imediato nestas descrições? Que traços maiores definem a inculturação como processo de evangelização?

*Primeiro.* Inculturação é uma realidade e um conceito de índole a um tempo *antropológico-cultural* e *teológico-missiológica* referente ao processo de evangelização. Distingue-se, pois, das noções puramente antropológico-culturais de *aculturação* (processo de transformações de uma pessoa ou grupo humano resultante de seu contato com uma cultura que não é a sua) e de *enculturação* (processo de iniciação de uma pessoa ou grupo à sua própria cultura).

*Segundo.* Inculturação implica e conota sempre uma relação entre *fé e cultura*.

*Terceiro.* Inculturação não é ato, mas *processo*, isto é, supõe e envolve, pois, história e tempo.

*Quarto.* Inculturação é processo *ativo* que exige mútua acolhida e diálogo, consciência crítica e discernimento, fidelidade e conversão, transformação e crescimento, renovação e inovação.

*Quinto.* Inculturação supõe interação entre *fé viva* e *cultura viva*. Não é, portanto, arqueologia cultural ou teológica. O processo de evangelização inculturada não leva a absolutizar uma cultura ideal ou a restaurar uma cultura pretensamente válida só na contextura real de seu passado. Inculturação supõe interação da fé com a cultura assim como ela existe ao vivo, no seu processo dinâmico. Este integra tradição e mudança, fidelidade às origens e novas criações. Tampouco tem sentido a arqueologia teológica. A mensagem evangélica deve ir adiante na fidelidade a si mesma e a Deus. Mas as expressões, as ênfases, as formulações, as mediações de compreensão se pautam pelos ritmos do homem. Elas hão de proporcionar-se aos contextos concretos da vida em que se processa a evangelização. Como nos mostra a própria pedagogia de Javé no Antigo Testamento e de Jesus e da Igreja no Novo, o processo de evangelização articula as dimensões de *educação e comunicação*. Uma e outra pressupõem e implicam atenção e adequação ao interlocutor, ao

seu universo cultural, ao seu contexto histórico, ao seu nível de apreensão e capacidade de assimilação. Metodologicamente, pois, não há um modo único, uniforme e universal de evangelizar. A evangelização se faz enquanto se evangeliza, na mutualidade ativa de evangelizador e evangelizando. Ambos são sujeitos do processo. Devem estar igualmente atentos aos respectivos quadros histórico-culturais e à ação do Espírito Santo.

*Sexto.* Inculturação não é um processo que privilegia a evangelização da *cultura* em detrimento ou substituição da evangelização da *sociedade*. Não é iniciativa que pretenda mudanças culturais na negligência ou não-prioridade da transformação das estruturas sociais. *Cultura e Sociedade* são coisas distintas. Mas toda cultura tem expressões sociais. Toda sociedade repousa sobre pressupostos culturais que ela filtra, propugna e transmite. Pode haver maior ou menor coincidência entre o hùmus cultural de um grupo humano e o quadro concreto de sua organização social. As instituições e mediações sociais correspondem menos ou mais aos postulados culturais. Pode também haver ruptura e discrepância entre os dois termos. A Polônia de tradição cultural católica em continuidade milenar tem hoje, com um sistema sócio-político de professada militância ateísta e materialista, um conflito flagrante entre índole de cultura e modelo de sociedade.

Na América Latina, marcada por um quadro social, político e econô-

mico de injustiça e opressão, de pobreza e violência, de concentração e marginalização, não pode haver evangelização inculturada que não implique a *libertação* de nossos povos em relação a esta realidade. Ou a fé anunciada é vivida em termos éticos de uma *práxis* transformadora destas situações que negam ou destroem o projeto de Deus sobre o homem, ou esta fé é, de fato, esvaziada por nós em seu potencial e alcance de liberdade e justiça, de solidariedade e amor, de comunhão e participação. A fé cristã é densa de conteúdo e exigência ética. Uma fé dissociada da vida no plano individual e/ou social não é a fé cristã (1).

### **Inculturação e Cultura.**

A palavra “*inculturação*” está formada pelo

➤ prefixo “IN”, que não exprime aqui negação (como em “inculto”, “incolor”, “inerte”), mas diz inserção, penetração, como em “injetar”, “inocular”, “inserir”);

➤ substantivo-núcleo “CULTURA”;

➤ freqüentativo “ÇÃO”, que designa ação, processo.

*Inculturação* é, pois, um processo ativo de inserção (da fé) na cultura. Como fé e cultura são realidades vivas, o que de fato há na inculturação é uma interação recíproca entre fé e cultura, como já acima antecipamos. Para compreender a inculturação é indispensável precisar o sentido de “*cultura*”.

Esta palavra tem muitas acepções. Elas variam segundo as ciências

que as formulam. As significações mais fundamentais entendem *cultura* como:

\* toda ação do homem sobre a natureza;

\* o acervo de toda ação ou criação do espírito humano (conhecimentos e suas expressões de todo tipo: ciências, artes, técnicas e ofícios);

\* o próprio grupo humano enquanto identificado por um modo de ser e de viver, de agir e de comunicar-se (sentido etnológico: cultura guarani, esquimó, etc.);

\* o conjunto de adaptações de um grupo humano às exigências e às condições de seu ecossistema.

Poderíamos multiplicar o elenco de acepções. O n.º 53 da *Gaudium et spes* abarca as três primeiras significações acima mencionadas. Por muito tempo, prevaleceu na antropologia cultural o *fenomenológico* de um grupo humano como sendo o principal indicador de sua cultura. Assim, pela descrição esmerada e quanto possível objetiva (não-etnocêntrica) dos modos de ser, de agir e comunicar-se do grupo, a etnografia tentava captar sua identidade cultural. Nos últimos trinta anos, porém, houve uma ênfase antropológica sobre os elementos simbólicos, as idéias e significações que estão subjacentes ao que é perceptível e descritível. De fato, o crescente registro etnográfico foi mostrando que grupos distintos podem agir e se comunicar de modo semelhante, dando contudo sentidos diversos àquilo que fazem ou expressam.

A *Evangelii nuntiandi* não usa o termo *inculturação*, mas é sobre ela um dos mais importantes documentos pontifícios. Paulo VI diz ali que importa evangelizar a cultura e as culturas do homem. E não basta fazê-lo de modo superficial, como se apenas se aplicasse um verniz exterior. É preciso fazê-lo de modo vital, ir a fundo até às raízes da cultura.

Buscando uma conceituação de *cultura* que tenha base antropológico-cultural e atenda aos requisitos teológico-missiológicos da inculturação na relação fé-cultura, entendo *cultura como sendo o conjunto de sentidos e significações, de valores e padrões, incorporados e subjacentes aos fenômenos perceptíveis da ação e comunicação de um grupo humano concreto*. Este conjunto é vivido pelo grupo e por ele assumido como expressão própria de sua realidade humano-social. É um conjunto que passa de geração a geração, conservado como foi recebido ou transformado, efetiva ou pretensamente, pelo próprio grupo (2).

A evangelização inculturada, portanto, não se dá apenas na transferência ou modificação de linguagens e métodos, de ritos e símbolos, de organizações e normas, de modos externos de fazer e de expressar-se. Ela deve ir mais longe e atingir os alicerces da cultura, isto é, seus sentidos e critérios, a inspiração tácita ou patente, mas realmente determinante, da práxis sócio-cultural do grupo e que se traduz na elaboração dinâmica e nas transformações históricas de seu *ethos-*

*cultural*. (3). A evangelização inculturada toca assim o nível mais profundo do homem, no plano individual ou social. Ela se faz, pois, ao nível da pessoa e a partir dela, tendo presentes as complexas redes de relações entre as pessoas e delas com Deus (EN 20).

Esta conceituação de cultura é, a um tempo, antropológica e teologicamente fundada e teologicamente operativa. Além disso, ela pode ser aplicada:

\* a qualquer grupo humano que se auto-define a partir de uma consciência reflexa de sua identidade (p. ex., uma etnia, um conjunto nacional: cultura alemã, francesa...);

\* a qualquer subgrupo dentro do macro-grupo cultural (p. ex.: os grupos institucionais ou organizacionais: a cultura católica ou metódica, na macro-cultura latino-americana; a cultura da IBM, da GM, ou desta ou daquela universidade...);

\* aos grupos transgeográficos ou transculturais que apresentam uma certa unidade de traços e aspirações (p. ex.: a cultura dos jovens, das mulheres, dos camponeses, dos negros... no mundo inteiro, em que pesem as diversidades circunstanciais e até culturais de origem). Antropológica e teologicamente, é possível identificar esses grupos como *culturas* específicas nos termos da conceituação apresentada. Teologicamente, é possível falar da peculiaridade eventual de sua evangelização: a evangelização dos jovens, p. ex.

No processo de evangelização inculturada, é indispensável ter

presente esta concepção de cultura ou alguma outra que, contudo, preencha o requisito de integrar fundamentação antropológica e exigência teológica.

### Um modelo básico de inculturação.

Na abordagem de qualquer cultura ou subcultura, em vista de sua evangelização ou simplesmente da inserção ou implantação no seu meio, em termos de inculturação, sugiro um modelo básico. Ele não é taxativo nem exaustivo, mas abraça os elementos imprescindíveis de um processo de inculturação. Proponho este modelo em quatro lanços. Embora analiticamente distintos, eles podem caminhar de modo integrado e até mesmo simultâneo.

*Primeiro lanço.* Identificação antropológico-teológica da cultura. Ao entrar em contato com uma cultura, é importante conhecê-la antes de agir em relação a ela. É fundamental captar os traços decisivos de sua identidade. Tendo presente a conceituação de cultura acima oferecida, devo buscar as mediações, os canais e veículos que exprimem e nos quais estão incorporados os sentidos e significações, os valores e critérios, que dão identidade à ação e comunicação dessa cultura (4).

Na perspectiva da evangelização inculturada, deveria ser esta a pergunta inicial: como Deus passou, atuou e está presente nesta cultura, antes que eu aqui chegasse como evangelizador? Onde e como percebo os vestígios de Deus, as marcas latentes ou patentes de seu amor

na história e no ethos-cultural desse grupo humano? Os *critérios* e referenciais para esta leitura são o *Homem* e *Jesus Cristo*. As eventuais dúvidas sobre a validade dos critérios relativos ao Homem — perplexidades naturais em contextos pluralistas — terão sua possível solução na referência ao *Homem-Jesus Cristo*. O que na cultura corresponde e responde a esses dois critérios fundamentais pode ser conservado assim como se expressa no código da cultura. Seguem-se outras perguntas. Como, a partir daí, posso caminhar com os membros da cultura? Como respeitar-lhes a identidade e o ritmo em vista da progressiva e crescente assimilação por eles da mensagem evangélica?

*Segundo lanço.* O limite é inerente a toda cultura como a toda pessoa humana. Por um lado, uma cultura é uma entre muitas. Não pode, pois, ser absolutizada, nem deve fechar-se ou involuir sobre si. Deve antes abrir-se a outras culturas, com elas interagir e assim enriquecer-se e crescer como cultura. Tanto melhor o fará, porém, uma cultura, quanto mais consciente fôr de sua identidade e autonomia. Por outro lado, como toda realidade humana, a cultura, como a pessoa, é marcada também pelo limite moral. Há sempre desvios reais em relação à teleologia fundamental do bem do homem para o qual, em princípio, se orienta a cultura. Em termos teológicos, estas inflexões ou perversões ético-morais da cultura são nela a marca existencial do pecado, da fragilidade, da incoerência. São orientações não raro

sutis, mas que levam, a longo prazo, à erosão ou mesmo à destruição da cultura.

O processo de inculturação, portanto, assim como identificou, no primeiro lanço, as sintonias profundas entre cultura e evangelho, deve igualmente individuar as *incompatibilidades* entre ambos. Isto supõe consciência crítica e discernimento. Pode haver incompatibilidades *absolutas* de ordem moral, estrutural ou funcional, tais como, p. ex.: a violência, a injustiça, a opressão, a discriminação, legimitadas e, não raro, até normativamente institucionalizadas pela cultura (ex. "apartheid"). Pode haver práticas culturais inaceitáveis, que desrespeitam ou mesmo pervertem a dignidade humana. Também aqui, o Homem e Jesus Cristo são os referenciais para a percepção e avaliação de tais incompatibilidades absolutas. Mas há também incompatibilidades *relativas* entre o evangelho e modalidades concretas de tal ou tal cultura. São aspectos em que não se necessita de conversão ou ruptura, como no caso anterior. Requer-se, porém, reorientação ou melhor explicitação de meios que ajudem a cultura a redescobrir ou a retomar sua própria teleologia (p. ex., a posição de Jesus em relação ao sábado). Na mesma linha, há ainda a perspectiva de fazer crescer a cultura na direção de sua orientação original (p. ex. as oposições de Jesus no Sermão da Montanha entre as perspectivas da antiga e da nova lei).

Esses dois primeiros lanços ou níveis se ocupam com a cultura assim como é na sua realidade con-

creta e presente, enquanto instituição humana. Nela buscam as sintonias existentes ou os aperfeiçoamentos necessários ou possíveis em relação à assimilação interativa do evangelho, na fidelidade seja a ele, seja à identidade cultural. Estabelece-se por aí uma relação *dialogal* e *dialética* de fé e cultura. A homologação (primeiro lanço) ou a reorientação da cultura (segundo lanço) à luz do Homem e de Jesus Cristo, é já uma forma de *proclamação* implícita. Ela permanece ainda circunscrita, porém, ao horizonte *imanente* da própria cultura.

*Terceiro lanço.* Esta nova etapa é propriamente o *anúncio* explícito aos sujeitos da cultura daquilo que é para eles DOM, novidade em relação à cultura. Este dom transcende o alcance próprio da cultura, aquilo que ela pode atingir por si no desdobramento máximo de seu potencial humano. Este dom é feito por Deus a todas as culturas humanas em e por Jesus Cristo. É um dom que não deve violentar nem desfigurar as culturas. Pelo contrário, há de levá-las tanto à otimização de seu alcance imanente, na plena realização de sua virtualidade humana, individual e social, quanto à transcendência deste plano, na abertura da cultura para Deus. Neste terceiro lanço, tem lugar a proclamação explícita do evangelho e o anúncio de seu projeto e identidade.

*Quarto lanço.* Esse anúncio é feito a partir de uma comunidade que acolheu o evangelho e procura vivê-lo e difundi-lo: a *Igreja*. Ela é portadora da Boa Nova, este dom

que é manifestado à cultura, no terceiro lanço. Mas a Igreja é também ela parte do mesmo dom, parte daquilo que é anunciado. De fato, a acolhida e a vivência da fé cristã se faz sempre em comunidade. Nesse sentido, a progressiva evangelização de uma comunidade humana concreta, que é tal cultura, vai levá-la a ser também, enquanto grupo cultural, parte da comunidade evangélica dos que crêem e partilham a fé, na esperança e no amor.

---

O processo evangelizador que se desdobra segundo este modelo supõe naturalmente o *testemunho* (*martyrion*) coerente e confiável dos que já vivem a fé e a trazem à cultura. Implica não menos a *interação dialogal* entre eles e os membros da cultura (*koinonia*). Envolve o potenciamento do serviço para o crescimento humano dos membros da cultura (*diakonia*). Conduz ao *anúncio* propriamente dito da mensagem evangélica (*euangélion*), como *dom* gratuito de Deus em e por Jesus Cristo (*mysterion*), a ser vivido na *comunidade eclesial* (*ekklesia*).

O resultado deste processo no tempo é a crescente inculturação da fé. É a criação nova de uma comunidade a um tempo *cultural-eclesial*, na fidelidade integrada às inspirações fundamentais da cultura e da fé, do homem e de Jesus Cristo. Este resultado encontrará suas mediações e expressões de ação e de comunicação. Elas terão uma identidade peculiar, enquanto são tributárias de raízes culturais específicas. Mas elas se encontrarão também

numa unidade profunda, enquanto todas essas comunidades culturais-eclesiais se inspiram na mesma fé, que se faz fonte e alimento de comunhão. Realiza-se assim a unidade da fé e da Igreja. Esta unidade repousa não sobre a *uniformidade* de um único paradigma cultural, mediador da fé e imposto a todas as culturas. É, antes, uma *unidade* que se constrói sobre a *diversidade* consciente das culturas, impregnadas do mesmo evangelho e por eles reformulados à luz da novidade do dom.

### **Inculturação e Vida Religiosa.**

O que fica dito sobre a mensagem evangélica pode ser aplicado aos *carismas* diversos na vida religiosa. A criação de um instituto religioso passa pela mediação dos fundadores. O Espírito lhes dá a perceber no *seu tempo* uma *necessidade eclesial* específica. Na intersecção deste dois fatores, o(a) fundador(a) intui uma perspectiva nova em sua sensibilidade à Palavra e em sua dedicação à Igreja. Ele(a) dá a resposta e a ela atrai outros também. Os tempos mudam e a Igreja caminha na história. O instituto se difunde e vive em outras latitudes. O sentido e a sobrevivência de um carisma depende de seu *enraizamento no evangelho* e de sua independência ou flexibilidade em relação ao específico contexto socio-histórico-cultural-eclesial que o fez surgir. Somos não somente seguidores, mas continuadores de Jesus e de nossos fundadores. Não vivemos na Palestina do primeiro século de nossa era, nem nos séculos V, XIII, XVI, XVIII ou XIX de

nossas fundações. Mas, ao longo da história e até à *parusia* poderemos descobrir sempre a atualidade do evangelho e de todo carisma que nele encontrar sua autêntica e radical inspiração.

Por cinco séculos a Igreja privilegiou a cultura européia-ocidental-não-moderna e sobretudo mediterrânea, como sua principal e quase única mediação na difusão do evangelho. Contrariamente à sua experiência no primeiro milênio, a evangelização, sobretudo na segunda parte do segundo milênio, construiu a unidade eclesial sobre a uniformidade desse paradigma cultural. Os institutos religiosos, originários também eles, em sua grande maioria, da Europa e especialmente da região mediterrânea, foram instrumentos eficazes de transmissão e edificação desta uniformidade eclesial, através da homogeneidade mais definida de suas próprias uniformidades religioso-apostólicas.

Hoje, a consciência de uma Igreja mundial em estado de inculturação, como acima ficou dito, traz consigo a perspectiva de inculturação para dentro dos institutos religiosos. O problema tem sido tratado ao nível dos capítulos gerais, das uniões de superiores gerais, das confederações regionais e das conferências nacionais de religiosos. Com algumas adaptações, podemos aplicar às ordens e congregações religiosas o modelo de evangelização inculturada que foi acima sugerido.

A pergunta não é como transplantar para culturas muito diversas uma única modalidade de viver, formar, comunicar-se e atuar apos-

tolicamente em fidelidade ao próprio carisma. A pergunta é: a partir das realidades socio-culturais-eleciais concretas às quais queremos servir apostolicamente, segundo a índole de nosso carisma e tradição espiritual, como desenvolver formas de vida, de ação e comunicação apostólica que, efetivamente, respondam a essas realidades? Tais modelos serão necessariamente diversificados, porque tão distintas são as realidades socio-culturais-eleciais dos vários continentes e, dentro deles, dos vários países e igrejas locais. Na sua diversidade, porém, deverá ser buscada e mantida a nota própria e unitária da inspiração evangélica do carisma fundacional. Isto é o que fará com que, dentro de uma realidade concreta, socio-cultural-eclesial, sejam identificáveis em sua pluralidade as contribuições apostólicas de beneditinos e agostinianos, de dominicanos e franciscanos, de carmelitas e jesuítas e assim por diante, e dessas mesmas tradições em suas expressões masculinas e femininas, nos vários institutos. Como a Igreja, as ordens e congregações são chamadas hoje a construir sua unidade profunda na diversidade? Como conviver, lúcida e pacificamente, com esta realidade, que só enriquece a Igreja e torna viável sua ação evangelizadora no mundo atual?

### **Realidade atual e inculturação do religioso.**

A presente situação da América Latina em sua *dupla face* interdependente e conflitante, coloca à evangelização um grande desafio.

*De um lado*, temos a dramática realidade de pobreza da imensa maioria de nossas populações. Desde Medellín e Puebla, a orientação eclesiológico-pastoral de nosso episcopado, centrada na *opção preferencial pelos pobres*, dá à evangelização entre nós um rumo libertador e, enquanto tal, inculturado. Nossa fé deve realizar a justiça em um continente marcado pela injustiça estrutural. O novo *lugar social* da Igreja faz dessa realidade dos pobres o ponto de partida da evangelização e da reflexão teológica (5). Mais ainda. Insiste em que são os mesmos pobres o sujeito principal de sua evangelização e da desejada e imperativa transformação. Por um certo tempo, o foco eclesiológico se orientou primordialmente para a dimensão da mudança das estruturas sociais. Uma contrapartida recente, em alguns espaços eclesiais, veio na forma da *“evangelização da cultura”*. Infelizmente, este enfoque tentou não raro eclipsar ou subestimar a problemática social. Já falamos acima da impossibilidade de dissociar realidades entre si tão vinculadas como sociedade e cultura. Uma evangelização inculturada e libertadora deve estar atenta a ambas e ser transformadora de ambas. Pressupostos culturais são determinantes na configuração social. Estruturas da sociedade podem ou valorizar e potenciar, ou reprimir e perverter a índole cultural de um grupo ou de um povo. Uma evangelização para a nossa realidade hoje deve ser, pois, a um tempo, inculturada e libertadora.

A vida religiosa entre nós está se encaminhando para essa perspectiva

através da *inserção*, um dos grandes temas e experiências do atual momento histórico dos religiosos em nossa Igreja. É importante qualificar a inserção para que ela seja igualmente inculturada e libertadora. Inculturação e libertação supõem sempre inserção. Esta inserção de alcance antropológico-social-teológico deve chegar ao nível profundo da cultura do meio em que se está presente e com o qual se convive ou se trabalha no processo de evangelizar. Todavia, mais na prática, é verdade, mas, por vezes também na concepção teórica, a inserção se tem feito um tanto unidirecional. Ela tende então a não urgir ou não enfatizar bastante esta disposição e este exercício necessário de interação e comunhão recíproca ao nível socio-cultural-teológico. A urgência e o *elã* transformadores de que é portador um generoso projeto religioso subestima, às vezes, este *partir da cultura* mesma que se quer evangelizar, esperar por ela e com ela caminhar, ao seu ritmo e segundo a sua índole. Isto é um requisito fundamental da inculturação e o único que dará alcance pleno a uma transformação libertadora das pessoas e sociedades. Uma inserção evangelizadora, pois, que se pretenda plena, há de envolver necessariamente a inculturação.

*De outro lado*, nossa realidade latino-americana sofre o impacto avassalador da *cultura moderno-contemporânea*. Ele nos chega através da urbanização tumultuada, do método científico e dos projetos educativos, do sistema econômico de produção, consumo e acumulação, das mutações tecnológicas de

toda sorte e particularmente da avalanche incontida de informação e comunicação. Tudo isto atinge não só as populações urbanas e metropolitanas, mas se abate também sobre os rincões mais longínquos de nosso interior rural. Através da comunicação [rádio e TV], nossos pobres de todas as latitudes são violentados em sua visão de mundo, em seus critérios e valores de vida. Problemas da terra, violência e desemprego, concentração de poder e de riqueza, são todos efeitos de pressupostos culturais da modernidade. Eles atuaram sobre nós ao longo do processo colonial. Atuam hoje em escala transnacional no processo mundial de modernização socio-cultural, científico-tecnológica e econômico-política.

Firmou-se, como vimos, na Igreja e na vida religiosa da América Latina uma presença evangelizadora junto aos pobres. Não se pode dizer o mesmo em relação ao desafio de evangelização que nos coloca esta outra face de nossa realidade. A Igreja como um todo e a vida religiosa nela não têm alcance significativo face à evangelização da cultura moderno-contemporânea. Não estamos conseguindo retraduzir nossa experiência com os pobres para que ela possa inspirar e animar a evangelização da cultura moderna em suas múltiplas manifestações. Há mesmo setores eclesiais que descartaram por completo de suas preocupações a evangelização destes meios secularizados e pluralistas, agnósticos ou indiferentes, ou simplesmente dos cristãos que não são pobres, no meio universitário, político e profissional das várias cate-

gorias. Há outros setores, e são maioria em nossa Igreja, inteiramente despreparados para a evangelização desses meios e até mesmo dos pobres por eles mais diretamente influenciados, como é o caso dos assalariados da indústria e dos serviços. No entanto, não há qualquer esperança a curto ou médio prazo de reverter o processo de modernização de nossas sociedades, venha ele em moldes liberais ou autoritários de cunho neo-capitalista, venha em formas socialistas de muitos nappes, desde o democrático escandinavo até o comunista de tantas versões. O próprio fenômeno recente do retorno do sagrado não é um re-primar puro e simples do sagrado arcaico. É, sim, um dado novo, o do sagrado anárquico e/ou não institucional. A invasão tecnológica da comunicação instantânea e abrangente conquista sempre mais espaços geográficos e universos mentais, como o faz não menos a linguagem informática e suas múltiplas aplicações e conseqüências.

Também aqui parece não haver outro caminho para a evangelização senão o processo inculturado de uma leitura crítica e um discernimento sério sobre esta cultura moderno-contemporâneo, a partir de seus próprios pressupostos. Pretender que ela não possa ser evangelizada é admitir, pela primeira vez na história cristã, a capitulação da fé e do evangelho frente a uma cultura. Isto esvazia o potencial salvífico do mistério de Jesus Cristo. Pretender que a resposta evangelizadora está na volta a formas e paradigmas pre-modernos é ignorar ou subesti-

mar a índole dinâmica e prospectiva dessa cultura de aceleradas transformações. Pretender enfim que somente pela alternativa contra-cultural se possa evangelizar essa cultura é fazer dela uma leitura redutora e a longo prazo insustentável.

O desafio é imenso e abrangente, não resta dúvida. Ele ameaça mesmo comprometer nosso promissor esforço evangelizador junto aos pobres ao primeiro aceno de sua mobilidade social, que os mina por dentro por uma erosão cultural. Não há, por certo, respostas feitas e quase tudo aqui está ainda por descobrir-se. Mas a evangelização tem hoje que integrar, de modo in-

culturado e libertador, esta dupla face da realidade latino-americana. Tem que levar em conta uma e outra, enfrentar e superar dialeticamente os conflitos de uma e de outra e das duas entre si. Tem que profeticamente denunciar e transformar numa e noutra o que nelas é incompatível com o evangelho. É importante que os religiosos possam dar à Igreja, em ambas as frentes desta única realidade, complexa e contrastante, uma contribuição qualificada na evangelização inculturada e libertadora da América Latina nesta vertente de milênio. Passa por aí a *nova evangelização* à qual nos conclama João Paulo II.

## NOTAS

(1) **Práxis.** Não é sinônimo de prática, de ação ou comportamento. Não é antônimo de teoria. Práxis é uma forma concreta de desempenho histórico; é o fazer consciente da história. A práxis cristã é a concretização consciente na vida do alcance ético-histórico da fé.

(2) Ofereço a fundamentação e discussão desta conceituação de **cultura** em meu livro: **Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé.** São Paulo, Edições Loyola, 1986, pp. 313-352.

(3) **Ethos-cultural.** Conjunto de **opções** histórico-culturais subjacentes ao modo particular de viver [ser-agir-comunicar-se] **eticamente** que tem um concreto grupo humano enquanto tal em sua história. O ethos-cultural espelha um processo consciente. A cultura pode ser vivida de modo não reflexo; pode mesmo ser inconscientemente tomada como normativa e legitimadora. (4) Para a individuação destas mediações e identificação antropológica da cultura, ofereço um quadro ao fim do artigo. Ali se expressa também a relação **fé-cultura-sociedade** no processo de evangelização inculturada. Observações para sua leitura:

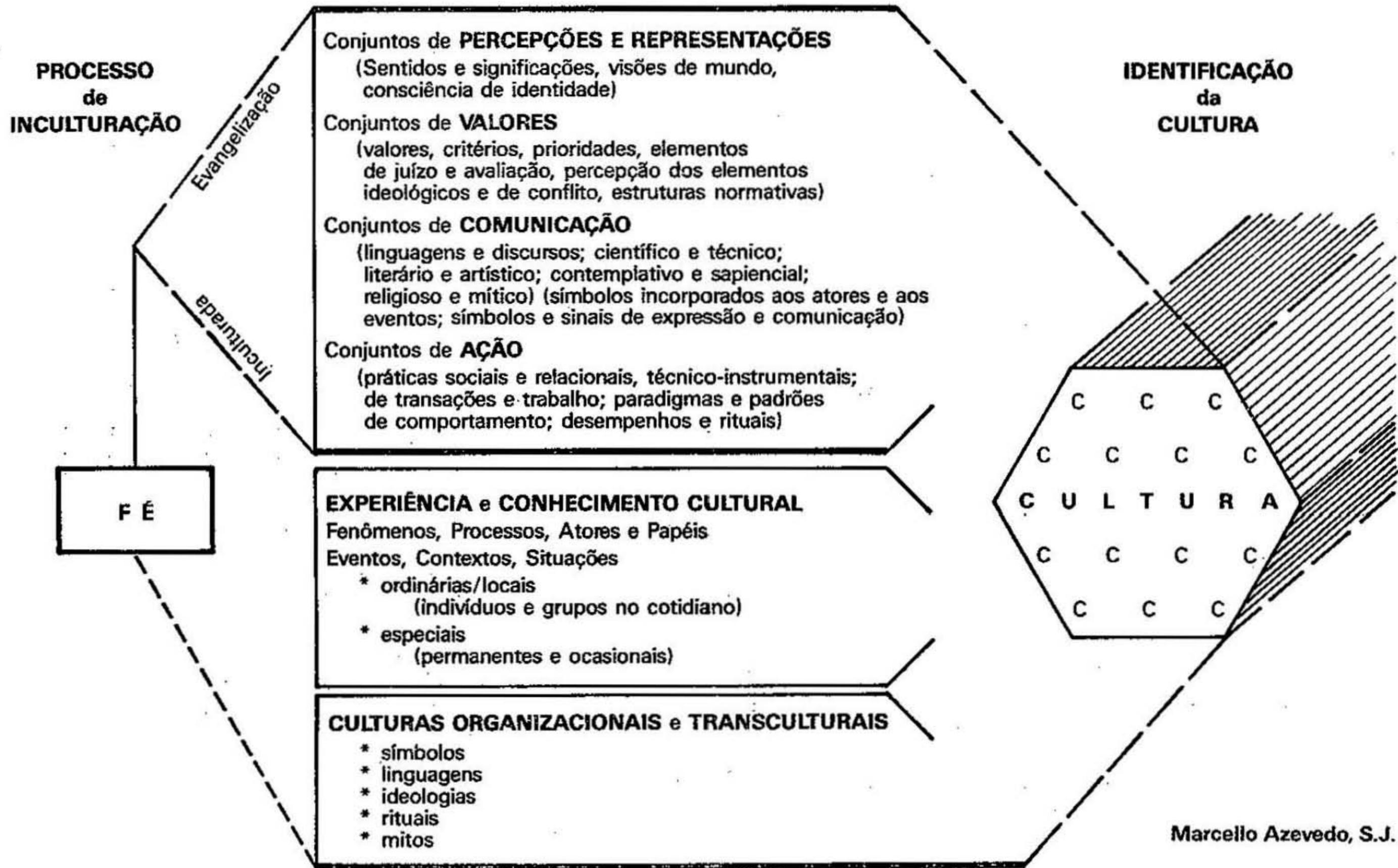
➤ o macro-espço da cultura [hexágono] inclui muitas subculturas específicas [os pequenos "C"];

➤ a cultura se representa por um primeiro plano frontal [dimensão sincrônica: como ela é hoje] e por uma projeção [dimensão diacrônica: sua história e como ela chegou a ser o que é];

➤ a **cultura** abrange todo o universo das expressões humanas, inclusive as sociais e institucionais [linha pontuada à direita];

➤ também a fé deve abranger e incluir o todo humano [linha pontuada à esquerda];

➤ a **evangelização inculturada** se refere **diretamente** aos conjuntos descritos no quadro **superior** [percepções, valores, comunicação, ação]; mas para chegar a eles é preciso identificar e conhecer as expressões de ação e comunicação explicitadas nos dois quadros **inferiores** [experiência e conhecimento, formas subculturais, organizacionais e transculturais]. (5) **Lugar social.** Ponto ou perspectiva a partir do qual percebo e analizo, interpreto e compreendo uma realidade ou sobre ela atuo. **(continua)**



**CULTURA:** *Conjunto* de sentidos e significações, de valores, modelos e padrões, incorporados ou subjacentes aos fenômenos perceptíveis de ação e de comunicação da vida de um grupo humano ou sociedade concreta././ Este *conjunto*, consciente ou inconscientemente, é vivido e assumido pelo grupo como expressão própria de sua realidade humana././ Este *conjunto* passa de geração a geração, assim como foi recebido ou transformado, efetiva ou presumidamente, pelo grupo mesmo.

# NATAL:

## FESTA DA ESPERANÇA

*O Natal nos desafia, através de uma Criança,  
a sermos seres de esperança para continuarmos a  
vivência de Jesus, no amor-serviço  
aos pobres como maneira de corresponder ao Deus da vida.*

**Ana Maria Tepedino**

Natal é um acontecimento que nos mobiliza. É a celebração de um nascimento que pergunta pela vida da pessoa. Como nos sentimos inseridos neste processo?

As figuras do Natal nos falam de esperança.

Maria ao aceitar a maternidade começa a viver de esperança, com esperança, na esperança. Pela fé aceita um projeto que é uma incógnita e que só se realiza por causa de sua fé, de seu acolhimento, de sua abertura à vontade de Deus. Quem não acolhe mata. Ela acolhe a novidade com temor, mas na medida em que aceita, que confia vai se tornando uma mulher forte que sai de si para auxiliar a prima Isabel, também grávida como ela, porém numa situação mais difícil por causa da idade avançada. Maria, por causa da experiência de Deus feita através de sua vida, torna-se capaz

de proclamar em Seu nome, que os poderosos serão destronados, os ricos mandados embora de mãos vazias, os humildes serão exaltados e os pobres satisfeitos (Cf. Lc 2,42-56). Através de seus lábios é expressada a denúncia profética do reverso escatológico: "os últimos serão os primeiros" (Cf. Mc 10, 31). A presença atuante de Maria, uma mulher ativa e participante, aberta a Deus e atenta às necessidades dos irmãos vai ser uma constante nos momentos importantes da vida de Jesus, desde as Bodas de Caná (Cf. Jo 2,1-11) até a presença na cruz (Cf. Jo 19,25.27).

Maria através de sua vida nos demonstra que quem acolhe e tem fé, tem em si o sentido da transformação e transforma o agora no aqui e agora para aqueles que têm fé e amam os irmãos (Cf. Jo 5,24; 1Jo 3,14).

Outra figura do Natal que nos revela a realização da esperança é José, o noivo surpreso pela gravidez da noiva. É que depois da atitude muito humana de querer repudiá-la, se solidariza com ela, aceita na fé, confia nela e ama o feto, realizando na esperança a sua parte no projeto. Aceitando ser o pai, realiza o projeto.

Na verdade Deus respeita de tal modo o homem, que espera sua permissão para nascer. Maria e José acolhem o novo que é sempre inesperado e exige superação da atitude de posse e do apego da segurança.

Para quem é o anúncio? Para a sociedade agro-pastoril: os oprimidos da época (os pobres) (Cf. Lc 2,10). A aceitação da comunidade agro-pastoril realiza na fé a esperança do milagre. Os pastores reconhecem naquela criança a pessoa que não era para ser reconhecida. Continuam a aceitação de Maria e José. A esperança deles não é um projeto para o futuro. Mas ao aceitar a criança, humana como eles, começam a se transformar. Voltam louvando e glorificando a Deus por tudo que haviam visto e ouvido, conforme lhes fora dito. Quando a Bíblia emprega os verbos "ver e ouvir" está identificando estas pessoas a discípulos. Pois "ver" e "ouvir" são atitudes características do discipulado.

Os magos, sábios em astrologia percebem através de uma estrela um sinal que algo importante sucedera: o nascimento do rei dos judeus (Cf. Mt 2,1-2). Buscam o caminho na esperança de descobri-lo. Neste cami-

nhar passam pelo poder constituído, Herodes, e se tornam seus servidores, até que a visão de Jesus os faz perceber que seu saber, seu conhecimento não pode ser colocado a serviço dos poderosos e voltam para seu país, sem nada dizer. Os magos seguem a estrela. Esta porém não os acompanha passo-a-passo. No seu caminho há dúvidas, tentações, riscos, imprevistos. Os magos nesta busca cheia de esperança, caminhando e crendo realizam a vocação da fé e do amor. Finalmente encontram Jesus. E juntos oferecem o que cada um possui de melhor.

O anúncio do Natal é para todos, desde que cada um perceba que é chamado a dar o melhor de si e do que é seu. É um chamado a caminhar como Maria, José, os pastores e os magos. É um chamado a re-nascer para celebrar condignamente o nascimento de Jesus.

## 1 — O que esperar da vida?

Cercado por bolsões de miséria, com crianças morrendo de fome, com desempregados caindo no alcoolismo, muitos ficando loucos, com uma sociedade se tornando cada dia mais individualista, corrompida e dissoluta, onde a vida parece não ter valor, nos perguntamos o que esperar da vida?

O profeta Isaías (Cf. Is 35,1-10) nos fala da bondade de Deus que fertiliza o deserto e a terra árida cobrindo a estepe de flores, que fortifica a mão dos fracos e os joelhos que tremem, assim como os corações desanimados, e nos conclama: "sejam fortes, não temais; eis vosso Deus... ele vem nos salvar". Com

a vinda de Jesus essa profecia começa a se realizar (Cf. Lc 4,22). No Natal celebramos essa alvissareira notícia: Jesus de Nazaré, o Filho de Deus se faz pessoa humana, para nos salvar. O nascimento é a proposta de renascimento e transformação do homem. E os cegos verão, os surdos ouvirão, os aleijados andarão, os mudos gritarão de alegria. Os cativos serão libertados, e o ano da graça do Senhor em que a terra será redistribuída está instaurado (Cf. Lv 15,15), o que é anúncio de boa-nova para os pobres.

Deus vem nos salvar, vem instaurar uma nova ordem de coisas na sociedade, vem transformar aquilo que está errado, vem denunciar a profunda injustiça em que vivemos. Aos pobres é negado o direito à educação, à saúde, à cultura, ao lazer, à alimentação, enfim a uma vida humana digna. Por isso, Deus através de Jesus protesta contra este estado de coisas. O Deus da vida não pode suportar essa situação de menos vida para nenhum de seus filhos.

O Menino que nasce no Natal e que celebramos a cada ano, queremos lembrar essa realidade. Ele iniciou. Nós seus seguidores somos chamados a continuar. "Vendo e ouvindo" o que ele fez e disse, sabemos o que somos chamados a fazer e dizer (Cf. Lc 7,18-22). Os cristãos têm que ser pessoas apaixonadas pela vida e que por dever de co-humanidade, de solidariedade, de compaixão sentem-se comprometidos com aqueles que têm menos vida. Temos a missão de recuperar a pessoa que está tão desumanizada.

Deus, assim como uma mãe, que ama de modo especial os filhos mais carentes, doentes, necessitados. Temos que transformar nossas entranhas em misericórdia, ternura e compaixão por estes filhos/as de Deus, irmãos carentes, doentes, necessitados, marginalizados, oprimidos e que são rejeitados pela sociedade. Esta valoriza os ricos que têm acesso à alimentação, à saúde, ao estudo, ao lazer, à cultura, ao trabalho. E que só pensam em si mesmos, e na manutenção dos seus privilégios — Natal é tempo de conversão, conversão dos próprios interesses em perspectivas às vezes opostas mas que beneficiarão os mais necessitados. É tempo de mudar a maneira de sentir, de pensar e de agir.

O povo está realizando o projeto que Jesus iniciou. Vemos seus sinais nas lutas por terra, por postos de saúde, em movimentos contra a carístia. Há uma nova consciência no povo que vai assumindo seu papel histórico na construção da nova sociedade (nova terra e novo céu) (Cf. Ap 21). Isso é motivo de alegria e de esperança que deve encher de regozijo o coração do cristão. Por isso o Natal é celebração da vida e do renascimento. É momento de saudade e de esperança. É momento de tristeza pelo que ainda existe em nós de egoísmo, individualismo, vontade de poder e momento de alegria pelo que em Cristo já somos, seres transformados, pela vivência da fraternidade. O mistério da encarnação nos irmana.

Cada Natal traz em seu bojo a acumulação de todos os Natais sucedidos em nossa vida de que fomos

testemunhas, e o coração fica pleni-  
ficado de alegria, saudades, esperan-  
ça e responsabilidades. Como em  
um noticiário de fim-de-ano, diver-  
sas imagens que aparecem nos fa-  
zem estremecer de alegria, outras de  
dor, porém através dessas imagens  
abraçamos a cada um dos seres que-  
ridos com quem renascemos e que  
nos ajudaram a nos apaixonar pela  
vida, comprometendo-nos sempre e  
cada vez mais a gerá-la e protegê-la.

A mulher que gera a vida, sabe  
como ela é frágil e necessita de pro-  
teção. Lucas que era médico e co-  
nhecia de perto essa fragilidade, co-  
loca nos lábios de uma mulher cren-  
te e pobre um hino de guerra em  
defesa da vida (Cf. Lc 2,46-54). O  
nascimento de Jesus é um grito em  
benefício da vida. Sua vida foi uma  
luta pela vida, que João codificou  
"Vim para que tenham vida e vida  
em abundância" (Jo 10,10). Jesus  
através de sua prática de amor e de  
justiça chama a seus seguidores a  
uma vida de engajamento e compro-  
misso para transformar o "mundo  
da injustiça" no "mundo de Deus".

Natal é tempo de nascer de novo.  
É tempo de renascer.

O Espírito, que deu vida a Jesus  
no seio de Maria (Cf. Lc 1,35), con-  
tinua a soprar (Cf. Jo 3,8) gerando  
vida nova, transformando-nos em  
verdadeiros filhos de Deus (Cf. Rom  
8, 6-17), pessoas que sofrem com a  
injustiça e desejam colaborar na  
construção de uma nova humanida-  
de. Mulheres e homens que juntos  
ombro-a-ombro lutam para construir  
uma nova sociedade, tentando dessa  
maneira corresponder ao amor de  
Deus. O Natal reaviva em nós a cha-

ma para demonstrar nosso amor ao  
Pai que ama de modo tão apaixonado  
ao mundo que envia seu filho  
para nos mostrar o caminho para  
sermos felizes: amar eficazmente,  
cuidar, proteger, servir o outro como  
demonstração do nosso amor por  
Ele. Nossa fé se torna real, verda-  
deira, quando nossa vida é vivida  
em benefício dos mais carentes e  
marginalizados. É o Espírito que  
suscita em nós essa vivência e nos  
sustenta, dando-nos força e coragem  
para realizar a proposta de Jesus.

Natal é festa da esperança. A  
criança que nasce, traz em si ger-  
mes de esperança, de potencialida-  
des inesperadas e novas, de coisas  
que ainda não são mas que poderão  
ser. Acolher uma criança é acolher  
o novo, o inédito. Exige renúncia,  
disponibilidade, abertura. Por isso  
acolher o novo, o inédito gera trans-  
formação, porque muda nossa rea-  
lidade. A criança necessita de gestos  
concretos, não servem teorias e me-  
ras palavras. Para continuar a cons-  
truir o Reino de Deus (que é Dom  
mas é também tarefa) que Jesus  
inaugurou, temos que fazer gestos  
concretos de transformação da rea-  
lidade.

A esperança é o elo entre a fé e  
o amor. A fé nos faz nascer para  
uma vida nova no seguimento de  
Jesus. A fé vocaciona nossa vida a  
ser uma resposta ao mundo na con-  
tinuidade do projeto de vida, de hu-  
manização do homem.

O amor exige de nós um sair de  
si para ir ao encontro do outro que  
é faminto, rejeitado, sofredor, para  
amá-lo como Deus ama, de modo

todo especial. O amor precisa de gestos e palavras para se expressar.

## Conclusão

A esperança que nos revelam Maria, José, os magos, os pastores e de modo especial Jesus, nos demonstra que temos que viver o presente, com olhos e ouvidos atentos à realidade que nos cerca e descobrir nela os apelos de Deus, para correspondendo a Ele irmos realizando sinais de um amanhã melhor.

O Natal nos desafia, através de uma Criança que nasceu num estábulo (porque não havia na sala lugar), a sermos seres de esperança. Seres de esperança para continuarmos a vivência de Jesus, no amor-

serviço aos pobres, na busca de uma sociedade mais igual, mais justa e mais fraterna como maneira de corresponder ao Deus da vida, que é Amor, Ternura e Misericórdia.

Natal é festa e festa se faz em comunidade (o fato de se ter transformado numa festa pagã com excessos de gastos supérfluos e comidas exageradas, não deve desanimar os cristãos). A comunidade daqueles que têm os mesmos sonhos e a mesma luta que Jesus. O sonho da reconciliação universal do qual nos fala o profeta Isaías (Cf. Is 11,1-10). A comunidade que espera o novo céu e nova terra que Jesus veio instaurar, se revitaliza e renasce ao celebrar junto o Natal. □

---

## Justiça: cerne da mensagem cristã

**Bíblia** — “Bem-aventurados os que têm fome e sede de JUSTIÇA...”, Mt 5,6. “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da JUSTIÇA...”, Mt 5, 10. “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua JUSTIÇA...”, Mt 6, 33.

**Leitor** — A Justiça é um conceito polivalente mas ela ocupa um lugar central. É uma preocupação fundamental. É o cerne da mensagem cristã. A Justiça designa o conjunto das exigências para se entrar no Reino de Deus. Mas, sobretudo, a Justiça é a ação graciosa, a gratuidade de Deus e a manifestação de sua benevolência. JUSTO é sinônimo de vida, em toda a amplitude, de acordo com a vontade de Deus. É sinônimo de coração aberto para Deus, que aceita, em atitude de fé, a JUSTIFICAÇÃO como obra e graça exclusivas de Deus. Como vê, a Justiça assinala o conteúdo essencial da evangelização (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

# DOM BOSCO

## NO CENTENÁRIO DE SUA MORTE

### UMA HERANÇA ESPIRITUAL

*A Família Salesiana, iniciada por Dom Bosco é hoje, na Igreja, uma realidade com originalidade e fisionomia próprias, que são para ela graça e dom do Espírito para servir o povo de Deus.*

**Pe. Cleto Caliman, SDB**  
Brasília, DF

31 de janeiro de 1888: aos 73 anos de idade, morria em Turim, na Itália, Dom Bosco. Sua vida teve a marca de uma atividade intensa e multiforme, de uma presença carismática e forte em seu tempo, como educador dos jovens, como padre, como fundador de congregações religiosas e como santo.

Não é fácil empreender a tarefa de avaliar uma figura tão plurimórfica depois de 100 anos. Primeiro, porque ele foi educador, padre e santo típico de outros tempos, do século 19. Segundo, porque tanto a sociedade quanto a Igreja sofreram profundas transformações no século que dele nos separa.

Mesmo assim creio que vale a pena indagar sobre o significado de sua vida e de sua obra para nós hoje. A radicalidade evangélica com

que ele dedicou sua vida à causa dos jovens pobres, seu ardor apostólico e sua posteridade espiritual testemunham por ele.

#### I — Homem de seu tempo

Dom Bosco foi um homem de seu tempo e de sua terra. Nasceu no dia 16 de agosto de 1815, nos Becchi, Castelnuovo D'Asti, Piemonte. Para a Europa este ano marca o fim de uma época, das guerras napoleônicas, e o início de um processo de restauração política e eclesiástica, como reação a movimentos revolucionários iniciados e inspirados pela Revolução francesa.

Nesse clima político e religioso cresce João Bosco. Marcado desde criança, pela perda precoce do pai aos 2 anos de idade e pelas dificuldades que sua mãe teve para sus-

tentar e educar os filhos, desabrocha nele uma rara sensibilidade humana e religiosa.

Bem cedo revelam-se nele os germes de sua vocação e se define para ele um projeto de vida: ser padre para dedicar-se aos jovens. A vocação apostólica manifesta-se no seu zelo dedicado pelos colegas. Desde pequeno arruma sempre um jeito alegre de divertir seus amigos com mágicas e prestidigitação que aprendia pelos circos, como pretexto para instruí-los na fé.

Menino diligente e estudioso, encontrou quem o ajudasse nos estudos. A pobreza não permitia que sua mãe o ajudasse. Sai de casa e vai para a cidade. Emprega-se como garçom, ajudante de alfaiate, de sapateiro, o que aparecesse, enquanto adiantava-se nos estudos. Foi uma experiência que muito lhe serviu mais tarde para compreender a situação dos jovens abandonados à sua sorte.

No seminário de Chieri preparou-se para o sacerdócio. Após sua ordenação em junho de 1841, aconselhado pelo seu grande amigo e diretor espiritual São José Cafasso, foi para o "Convitto Ecclesiastico", uma casa que orientava os neo-sacerdotes para o ministério pastoral. Foi nessa escola que José Cafasso o iniciou na observação pastoral, levando-o aos hospitais e prisões, no contacto direto com a realidade dos jovens presos. "Pude então constatar, escrevia mais tarde, que os rapazes que saem dos lugares de castigo, caso encontrem mão bondosa que deles cuide, os assista nos domingos, procure arranjar-lhes emprego com

bons patrões, tais rapazes dão-se a uma vida honrada, esquecem o passado, tornam-se bons cristãos e honestos cidadãos. Essa é a origem do nosso Oratório" (1).

A pedra fundamental dessa experiência pedagógica, o Oratório de São Francisco de Sales, foi um feliz encontro com o jovem servente de pedreiro, migrante e analfabeto, Bartolomeu Garelli, dia 8 de dezembro de 1841, festa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. Mais tarde ele vai dizer que a sua Congregação "em seu início, era um simples catecismo" (2).

A semente plantada naquele dia se transformou numa árvore vigorosa. Desde então, no encontro com os jovens, Dom Bosco desenvolveu numa experiência original os talentos de educador que já havia manifestado quando ainda menino e, depois jovem, no meio de seus companheiros. A essa sua capacidade de aproximação ao jovem partindo de suas necessidades e de suas exigências, ele acrescentou o zelo pastoral do Padre, amigo e irmão.

A força de atração de seu carisma foi enorme. Com muita luta e muito sofrimento, foi aos poucos consolidando sua obra, contando já com a colaboração de amigos dedicados e dos jovens mais crescidos que freqüentavam o Oratório. Com um grupo de fiéis colaboradores fundou em 1859 a "Pia Sociedade de São Francisco de Sales" e mais tarde, junto com Santa Maria Domingas Mazzarello, em 1872, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

À sua morte, a Congregação salesiana contava com 915 professores e cerca de 300 noviços, sinal da vitalidade de seu carisma (4). Ainda vivo, viu sua obra se expandir a passos largos pela Europa (França, Espanha e Inglaterra) e pela América Latina (Argentina, Uruguai, Brasil, Chile, Equador).

Sua vida foi intensamente vivida dentro do quadro referencial do século XIX. Ele foi antes de tudo um padre, com sentido eclesial profundo, ligado à tradição da Igreja, convencido da importância fundamental do seu ministério. Mas também foi um homem profundamente inserido em sua época. Intui o significado dos novos tempos, quer situar-se dentro do processo histórico. Já no fim de sua vida dizia aos seus filhos: "É necessário que conheçamos nosso tempo e nos adaptemos a ele".

No campo da educação assimila, com sensibilidade evangélica, as novas correntes pedagógicas de sua época. Busca uma síntese entre religião e o que ela significava para o seu tempo, e a razão, no interior de um processo pedagógico guiado pelo amor pastoral ao jovem. Ele quer não uma educação elitista, mas popular; não uma educação clerical, mas "civil", para formar o cidadão; não uma educação arreligiosa, mas religiosa, para formar o cristão comprometido com o Evangelho: não uma educação de massa, mas personalizada, onde o jovem possa se sentir sujeito.

Ele percebe desde cedo a importância fundamental dos meios modernos de comunicação. Escreveu

inúmeras obras com estilo simples e atraente. Procurava sempre ser entendido pelo povo e pelos jovens. E conseguiu. Algumas de suas obras tiveram dezenas e até centenas de edições em várias línguas. Para isso fundou uma tipografia moderna e agil, com a ajuda de seus próprios jovens (4).

Num tempo em que governos anticlericais fechavam conventos e ordens religiosas, ele fundou uma Congregação religiosa, aconselhado por Ratazzi, o ministro responsável pela lei que no Piemonte cerrou as portas de inúmeros conventos e ordens religiosas. Nela os membros seriam face à Igreja, religiosos. Face à sociedade civil, cidadãos livres (5).

Não é mera coincidência que sua obra educativa se desenvolve com os primeiros anos de modernização capitalista do Piemonte. O êxodo rural engrossa a cidade de Turim, que entra num processo veloz de urbanização, cresce o operariado urbano industrial. Observador perspicaz do novo fenômeno, o trabalho no início da industrialização capitalista, dedica-se de corpo e alma às vítimas do sistema, os jovens indefesos e explorados da nova realidade urbana.

Com pioneirismo invulgar, exige dos empregadores e mestres um contrato de trabalho que garanta os direitos dos jovens trabalhadores. Em 1850 funda uma "Sociedade de Socorro Mútuo", para amparo do trabalhador. Essa sociedade já incluía em seus estatutos o seguro-doença e fundo de desemprego. Assim comenta seu biógrafo: "Ele foi

um dos poucos que tinham compreendido desde o princípio, e o disse mil vezes, que o movimento revolucionário não era uma tempestade passageira, porque nem todas as promessas feitas ao povo eram desonestas, e muitas respondiam a aspirações universais, vivas, dos proletários. Desejavam obter igualdade comum a todos, sem distinção de classe, maior justiça e melhoramento de sua vida. Por outra parte, ele via como as riquezas começavam a tornar-se monopólio de capitalistas, privados de sentimentos de piedade, e os patrões impunham ao operário isolado e indefeso, contratos injustos, seja quanto ao salário seja quanto à jornada de trabalho; e a santificação dos dias festivos era com freqüência brutalmente impedida” (6).

Com sua imensa capacidade de unificar esforços em torno de sua obra, conseguiu colaboradores de toda sorte para levar adiante sua missão. Eles compreenderam o seu significado histórico como resposta às exigências do tempo.

## II — Tempos novos

O tempo imprime sua marca nas coisas. Nele vão desfilando os acontecimentos. Enquanto instituições, obras, estilo de vida, espiritualidade, práticas pedagógicas, sociais e eclesiais vão se moldando, adquirindo forma e contorno. Pode-se afirmar também que assim como são moldadas pelo tempo, influenciadas pelo ambiente histórico e eclesial, existe o fluxo inverso. Essas instituições, obras, estilo de vida, espiritualidade expressando-se,

também moldam a história, têm uma eficácia objetiva que ultrapassa o nível das intenções e ajudam construir um mundo diferente.

No centenário de sua morte o influxo de Dom Bosco e o vigor da obra por ele iniciada, pode-se afirmar sem receio, produziram história, mostraram uma eficácia que ultrapassa os limites da Família Salesiana e geraram um fato eclesial de indiscutível grandeza. A “Família Salesiana” é hoje na Igreja uma realidade com fisionomia e originalidade próprias, que são para ela graça eclesial, dom do Espírito para servir o povo de Deus.

Por isso mesmo, no contexto de uma Igreja tão dinâmica, uma Igreja que se volta cada vez mais para a maioria pobre e jovem do continente, a Família Salesiana sente o peso de sua responsabilidade histórica. De fato, o que ela tem a oferecer, com toda a humildade, não é dela. É dom do Espírito dado à Igreja na pessoa, vida e obra de Dom Bosco, a sua herança espiritual.

A tarefa de repropor essa herança espiritual como serviço ao povo de Deus hoje, dentro da realidade do continente, implica, como consequência primeira e mais imediata, tomar consciência dos desafios que as transformações sócio-culturais colocam à criatividade apostólica das pessoas de fé e orientam o seu olhar para o futuro.

Nessa direção o Concílio Vaticano II abriu um novo horizonte para a Igreja. A volta às fontes evangélicas e o diálogo com o mundo de ho-

je fez rever não só nossa presença eclesial, mas também o projeto de Vida Religiosa. A volta às fontes, ao passado, à grande tradição, colocou as bases para uma nova visão da realidade e, conseqüentemente, para a mudança nas práticas pastorais da Igreja e da Vida Religiosa.

O impulso dado pelo Concílio obteve, na AL, resposta pronta na Conferência episcopal de Medellín. Aprendemos então a nos orientar na direção de uma nova visão da realidade sócio-cultural e da missão da Igreja no contexto das transformações necessárias. O realismo dessa postura eclesial se traduz em novas práticas eclesiais dentro da realidade conflitiva (7).

A década de Medellín a Puebla caminha na direção de uma nova compreensão da missão da Igreja dentro dessa realidade conflitiva. Ela passa pela Exortação Apostólica "Evangelii Nuntiandi", de Paulo VI. Esta carta do papa exprime com muita propriedade a preocupação da Igreja com a evangelização, de modo especial na AL. O conceito-chave que dá a sintonia do trabalho eclesial nesse tempo é justamente "evangelização". A missão da Igreja é evangelizar.

A experiência eclesial adquirida desde o Concílio precisava agora nada mais nada menos do que definir-se dentro de uma estratégia pastoral que pudesse articular corretamente, em qualquer lugar e em qualquer situação, a missão permanente da Igreja, que é evangelizar sempre, com a realidade conflitiva, extremamente injusta e desigual do continente. Nesse sentido, a Confe-

rência episcopal de Puebla procura articular a missão evangelizadora da Igreja à luz e a partir da "Opção preferencial pelos pobres" (8).

Nesse processo de renovação vai tomando corpo, como uma exigência da própria missão da Igreja dentro do mundo conflitivo, um projeto pedagógico a serviço do Evangelho da libertação no continente. Essa tarefa ainda não está terminada. Aliás, nem as anteriores. Mas aos poucos penetra na consciência eclesial a necessidade de uma "Catequese Renovada" (9), de uma pedagogia pastoral adequada à realidade do povo, capaz de valorizar sua cultura, sua identidade histórica e religiosa, seu amor à vida e à celebração, sua capacidade de acolhimento do outro, sua maneira de estar presente e de partilhar.

23 anos depois do Concílio, já nos encontramos no limiar do 3.º milênio do Cristianismo. Se hoje a Igreja católica já é uma realidade do terceiro mundo, do Sul pobre e oprimido, no raiar do ano 2000 se prevê que a emergência das Igrejas do terceiro mundo, com sua experiência original, com face própria, vai ser um fenômeno destinado a marcar a Igreja do futuro.

Antevendo o futuro o Papa João Paulo II já vem alertando a Igreja toda para essa passagem de milênio. Mais concretamente, no que diz respeito à América Latina, de longe hoje o continente de maior população católica atualmente, ele lançou o grande apelo para uma "nova evangelização", para marcar a passagem do V centenário da primeira evangelização (10).

Essa nova evangelização se projeta para uma realidade bem diversa da do século XIX. A realidade sócio-cultural ficou mais complexa com o nascimento do “homem planetário”. A complexidade do mundo de hoje torna cada vez mais difícil uma visão global, unitária, que dê uma explicação racional e articulada às contradições da realidade. A consciência histórica tende a fragmentar-se e os problemas tendem a isolar-se em compartimentos estanques. Nesse contexto, avança a mentalidade individualista e utilitarista, abafando a busca de solidariedade e de relações de gratuidade. Num mundo em que cada qual produz o “seu” mundo, cada grupo social busca “seu” interesse, as pessoas acabam sentindo-se mera peça da engrenagem do sistema. É a “morte do sujeito”. O vazio do sujeito é hoje preenchido pela “dança das informações”, no grande supermercado dos Meios de Comunicação de Massa.

No âmbito da cultura e da religião assiste-se hoje ao fenômeno tipicamente da economia de mercado. A cultura virou “produto cultural” onde a grande massa se transforma em consumidora. A religião também se transforma em objeto de consumo privado, é privatizada a relação religiosa com Deus. Não é sem razão que o fenômeno dos “grupos religiosos autônomos” (11) vem crescendo assustadoramente.

Processos contraditórios tecem o mundo de hoje. Se por um lado se observa o avanço do processo de secularização, por outro lado, não

é menos verdade que surgem novas formas do sagrado, diferentes do sagrado tradicional (12).

Esses fenômenos do nosso tempo, — somados à realidade do mundo dividido entre norte rico e sul pobre; à realidade da sociedade de classes; à realidade da própria Igreja, também ela perpassada pelas contradições do mundo —, desafiam a Igreja, a Vida Religiosa, a recuperarem a iniciativa missionária para uma nova proposta de evangelização do continente. Uma proposta que tenha em conta a realidade do homem, a centralidade da missão, a estratégia adequada, a pedagogia indispensável e o espírito evangélico que a tudo anima.

### III — A herança espiritual

No contexto de um mundo diferente, mudado, somos provocados a confrontar o legado espiritual de Dom Bosco, como dom do Espírito dado a Igreja. Como tal essa herança espiritual não pertence à Família Salesiana, como se fosse propriedade privada. Mas é, na Igreja, expressão privilegiada do seguimento de Cristo segundo o caminho espiritual vivido e transmitido por Dom Bosco. Representa, portanto, uma tremenda responsabilidade diante de Deus e dos homens. Dom Bosco viveu o carisma pessoal de forma atraente, alegre e entusiasmada. Por isso mesmo, foi capaz de associar ao seu projeto os próprios jovens que ele educava, um grande número de colaboradores de todas as matizes. Ele queria a “união de todos os bons”.

Não é fácil apresentar de forma sintética e ao mesmo tempo compreensível uma herança tão rica e complexa. Há sempre o risco de ser incompleto e unilateral. Consciente disso, tento sintetizar essa herança em 4 eixos: o senso da realidade, a centralidade da salvação e da missão, a preocupação com uma nova articulação pastoral, a proposta pedagógica.

*1/ Um homem com o senso da realidade.* Apesar de sua fama de sonhador, Dom Bosco foi um homem prático, que se guiava continuamente pela experiência. Teve um agudo sentido pela realidade do seu tempo e dos jovens que encontrou no seu imenso trabalho apostólico.

Mesmo marcado pela formação teológico-pastoral do seu tempo, partilhando da visão do mundo de sua época, o que orienta a sua prática não é, em primeiro lugar, a teoria que está na sua cabeça, mas a realidade que o provoca, uma realidade vista à luz da fé. Desde cedo aprendeu que o ato primeiro da evangelização consiste em orientar o próprio olhar para o destinatário concreto do anúncio salvífico, como o fez o próprio Jesus, o Bom Pastor.

Na prática, as opções pastorais são condicionadas pela visão da realidade que as pessoas e grupos eclesiais possuem. Desta forma, se torna cada vez mais importante ver o destinatário de nossa ação evangelizadora dentro de seu mundo. Sem dúvida, neste ponto há uma feliz aproximação com o processo pastoral da AL: na descoberta concreta e prática do pobre enquanto ser pessoal e social (13).

Como homem do século XIX, encontramos nele uma forte concentração doutrinal, na busca da certeza da fé. Todavia, o senso da realidade, a sua abertura ao mundo moderno, a sua própria sensibilidade eclesial, o conduziu por outros caminhos. A experiência o orientou na prática educativo-pastoral. Pode-se afirmar que, nesse contexto Dom Bosco afirma o primado da práxis sobre a teoria.

*2/ Centralidade da salvação e da missão.* O núcleo central de toda sua vida apostólica é, fora de qualquer dúvida, a salvação que ele busca incansavelmente como resposta ao Deus que vai de encontro ao homem em Jesus Cristo. Neste contexto, a própria vida é compreendida como missão, uma missão salvífica. Homem cheio de iniciativas, orientou sempre sua frenética atividade para esse núcleo central. Sua atividade foi sempre orientada para a salvação dos jovens e nela finalizada. Ao redor desse ponto central ele organiza toda sua vida e obras. Por isso mesmo torna-se importante aprofundar como ele relacionava sua atividade educativo-pastoral com a salvação.

Para ele a salvação do jovem não se reduz única e exclusivamente ao "cuidado da alma", como poderia parecer numa análise superficial de seu pensamento e da maneira de se expressar. A salvação do jovem começa na resposta às suas necessidades materiais e históricas de sobrevivência, trabalho, estudo, cultura, lazer; mais ainda, de suas necessidades psicológicas. A salvação colhe o jovem como um todo,

encontra-o em sua situação real de vida. A experiência ensina-lhe que salvação é um dom que diz respeito ao homem todo, corpo e espírito. Não é só libertação da alma, nem só do corpo com suas exigências econômicas, sociais, políticas e culturais, mas é libertação integral do homem como ser pessoal e social, chamado ser sujeito numa história solidária.

Numa época de forte clericalismo, mesmo com as limitações que sua mentalidade impregnada por uma visão integrista da Igreja, ele aprofunda uma compreensão do ministério presbiteral para além das fronteiras da Igreja, no horizonte do mundo. Essa compreensão muitos santos já tiveram, aprofundando o seguimento de Cristo. Ela vai receber sua plena consagração na consciência eclesial no Concílio Vaticano II, através da *Gaudium et Spes*. Esse ministério é um serviço eclesial centrado não na Igreja e nos seus interesses, mas no mundo a ser salvo.

3/ *Par uma reformulação da estratégia pastoral.* Ver a realidade, impregnar-se de zelo pela salvação do mundo constitui um passo essencial para responder à vocação divina que nos chega. Mas para que esse zelo apostólico tenha eficácia histórica requer-se uma estratégia e mediações concretas. O exercício da missão evangelizadora pela causa do Reino exige uma estratégia pastoral que possa articular de forma produtiva as mais variadas e multi-formes energias apostólicas que o Espírito suscita na Igreja. Para isso é preciso buscar paciente mas cora-

josamente novas mediações para atualizar a mensagem evangélica.

Em épocas de grandes transformações chega o momento em que a pastoral tradicional esgota as suas possibilidades. Não dá conta mais de enfrentar as novas exigências que surgem de um processo histórico irreversível. É justamente quando a criatividade apostólica, guiada pelo Espírito de Deus, descobre novos caminhos, oferece à Igreja novos modelos de evangelização.

Mesmo mantendo estreito relacionamento com a elite de seu tempo, o lugar em que Dom Bosco se sentia bem e que o provocaria era o mundo do povo religioso e humilde, o mundo de seus jovens. Para isso desenvolve uma estratégia pastoral articulada a partir do povo e dos jovens. Desde logo percebeu que no esquema da pastoral tridentina não havia lugar para os seus jovens. Era preciso inventar coisa nova, que respondesse às suas reais necessidades existenciais e religiosas. Teve que enfrentar a oposição de seus colegas e, depois de superar inúmeras dificuldades, finalmente conseguiu o apoio de seu arcebispo, que reconhece o sentido eclesial de sua obra do Oratório. Esses lugares, dizia, "serão para esses meninos como suas igrejas paroquiais" (14).

Hoje o fenômeno mais profundamente transformador da Igreja e de suas práticas na América Latina encontra-se no fato de que os pobres estão ampliando sua presença na Igreja, fazendo a experiência de ser Igreja a partir da sua realidade de pobres, espalhando suas necessi-

dades mais profundas de fé e de vida plena.

A participação cada vez maior dos pobres e dos jovens na vida eclesial constitui um fato altamente promissor. O dinamismo dessa força emergente, do povo com sua cultura e sua criatividade, provoca na Igreja novas formas de organização e exige um novo projeto pedagógico.

4 — *Um projeto pedagógico.* Na verdade que o cristianismo sempre se manifestou, pela própria natureza de sua proposta de radical conversão ao Reino, como um grande movimento de educação, exigindo para sua eficácia histórica um projeto pedagógico. Para traduzir o Evangelho nas mais diversas culturas ele sempre precisou de adaptar a mensagem para que pudesse realmente ser acolhida pelos vários povos. Essa pedagogia a serviço do Evangelho deve ser capaz de expressar sua riqueza, a tradição da fé e as exigências da realidade dentro da qual ela é posta em prática.

Em todos os grandes momentos históricos do cristianismo, em seu projeto pedagógico, normalmente se articulam esses três elementos: Mensagem, tradição da fé e novas exigências da realidade. Foi assim na proposta pedagógica de Dom Bosco; o mesmo acontece na AL, no contexto do processo de libertação.

Mais concretamente, a Pedagogia de Dom Bosco expressa, de forma magistral, sua experiência de cidadão do mundo e do Reino. São as duas vertentes que modelam sua experiência pedagógica. Ele expri-

me essas vertentes de forma simples e sintética. Sua atividade educativa visava formar “o honesto cidadão e o bom cristão”.

A primeira vertente de sua experiência educativa vem da própria vida cristã católica, como expressão do Evangelho para o seu tempo. Daí ele tira o princípio fundamental de seu método educativo, o “amor pastoral” e o princípio da orientação finalizada de toda atividade educacional do cristão, a “religião”.

O princípio fundamental é a lei do amor aplicado no processo educativo. Na tradição pedagógica do santo, o “amor pastoral” (na sua linguagem “amorevolezza”) expressa o estilo de relação que deve prevalecer entre educando e educador, entre o pastor e sua comunidade. O educador deve revelar o próprio amor em Deus ao jovem. Ele é sacramento desse amor divino que se encarna num amor humano demonstrado e percebido como tal, dentro da lógica da encarnação.

Não se pode, no entanto, confundir esse “amor pastoral” com amor platônico ou mesmo sentimentalóide. Nada disso. Ele deve ser realmente efetivo, histórico, encarnado na prática objetiva da convivência. Expressa um afeto objetivamente demonstrado e, como tal, percebido pelo jovem.

A orientação finalizada da atividade educativa se exprime para Dom Bosco com o termo “religião”. Com ele o Santo queria afirmar aquela síntese existencial que deve existir entre o mundo profano em que o jovem deve viver e o mundo

religioso-eclesial. O processo educativo trata o jovem como uma totalidade, o jovem e sua realidade, diante de Deus. Trata-se, pois, de sua pedagogia essencialmente religiosa. Sua preocupação com a religião explícita, portanto, a meta final e objetiva de toda atividade educativo-pastoral no horizonte da fé cristã.

A segunda vertente da pedagogia de Dom Bosco vem do mundo moderno. Homem de seu tempo, soube colher nele aquelas dimensões que tornam atual a presença do Evangelho. Essa vertente se expressa pelo termo "razão". Expressa o lado humano e histórico, existencialmente captado e racionalmente codificado, da experiência educativa. A relação educando-educador deve estar sob o controle do bom senso e do diálogo, visando um empreendimento comum: o processo educativo.

A educação em todos os seus níveis, também no que se refere à educação da fé, não é o resultado de um processo em que o educador se impõe pela sua vontade, pelo seu poder ou saber. Mas é a consequência de um processo de mútua influência, onde o jovem é também um sujeito chamado a "ser sujeito" consciente, responsável e autônomo, capaz de contribuir com os dinamismos mais profundos de seu ser para o amadurecimento de sua personalidade.

Depois de um século da morte do grande pedagogo que foi Dom Bosco muita coisa progrediu nas ciências da educação. Em muitos aspectos sua prática pedagógica está ultrapassada. Não pretendo aqui

assinalá-los. Mas há aspectos que são profundamente atuais: a maneira evangélica de se aproximar do jovem, o reconhecimento do jovem como sujeito dialogante no processo educativo, o clima humano e eclesial dentro do qual o processo educativo é conduzido.

Esses aspectos são fundamentais também para uma proposta de educação libertadora, tal como se confirma na prática latino-americana. A participação dos destinatários do processo pedagógico pertence à própria proposta original do Evangelho. Essa proposta apela para a liberdade das pessoas, ela parte do reconhecimento da dignidade do pobre, do pecador, da prostituta, do doente, do possuído pelos maus espíritos. A própria tradição cristã reconhece uma função ativa dos pequenos no processo de evangelização quando nos diz que "os pobres nos evangelizam". O Documento de Puebla afirma que "o compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres" (15).

O projeto pastoral da Igreja na América Latina implica e exige uma "educação libertadora": "que transforma o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento" e que antecipa "o novo tipo de sociedade que buscamos" (16).

O Documento de Puebla vem aprofundar esse conceito, explicitando a dimensão evangelizadora essencialmente inserida em toda educação libertadora no horizonte da fé cristã. Afirma: "A educação

evangelizadora assume e completa a noção de educação libertadora". Ela é uma educação que conduz o homem "à comunhão filial com o Pai e à comunhão fraterna com todos os homens, seus irmãos" (17).

Na análise da tradição pedagógica de Dom Bosco há, pois, um dado de grande significação para nós hoje. Ele nos indica que a transmissão da fé, a evangelização, acontece no interior de um processo pedagógico que deve ser continuamente refletido e repensado.

#### IV — Uma "escola espiritual"

A irradiação do carisma de Dom Bosco, pode-se dizer hoje, 100 anos depois de sua morte, gerou uma verdadeira "escola espiritual", uma maneira evangelicamente original de aproximar-se da realidade do jovem, um estilo de vida e uma espiritualidade centrada na missão (18).

Na tradição da Vida Religiosa moderna, sob a inspiração de São Francisco de Sales, ele faz da ação evangelicamente qualificada o critério básico de sua vida. Sua vida agitada levantou até dúvidas sobre sua santidade. Houve quem perguntasse seriamente pela sua vida de oração. Parecia que ele não reservava tempo suficiente para isso. Como então ele integrava ação e contemplação, trabalho intenso e oração?

Ele teve em alta estima o trabalho. Foi um homem de trabalho duro e intenso. O fundamental é descobrir em que horizonte ele compreendia o trabalho humano.

Para ele tudo era permeado pela presença de Deus, nada estava fora dos desígnios de sua providência. Ela entendia que qualquer tarefa que realizasse, fosse fazer uma faxina, fosse cozinhar para os seus jovens ou consertar-lhes os sapatos, fosse ensinar-lhes a ler e escrever, o fazer-lhes catequese, fosse celebrar junto com eles, fosse brincar no pátio ou qualquer outra atividade imaginável, como um encontro com algum nobre ou plebeu, tudo tinha um sentido dentro da orientação fundamental de sua vida, de sua fé inabalável que tudo permeava, de sua caridade ardorosa que tudo envolvia.

Trata-se, pois, não do mero exercício do trabalho produtivo, da mera eficiência técnica e burocrática que gera o ativismo. Nada mais contrário à sua visão do que uma atividade desconexa, desligada do objetivo supremo de seu labor apostólico: a missão. Ao contrário, ele entendia o trabalho já como categoria, digamos, religiosa, como participação no ato criador e salvífico de Deus no mundo dos homens. Era, pois, um trabalho orientado pela fé comprometida e pela caridade apostólica finalizada na missão salvífica. O seu foi um trabalho constante embebido pela presença salvífica de Deus em Cristo.

A defesa mais contundente do santo neste ponto vem do papa Pio XI, que o havia conhecido pessoalmente. Ele afirma textualmente: "Era uma de suas mais belas características, a de estar presente em tudo, atarefado numa contínua lufa-

lufa, angustiado por preocupações, no meio de uma multidão de pedidos e consultas, a ter o espírito sempre noutra parte, sempre no alto, onde a serenidade não se perturbava, onde a calma dominava sempre soberana, de tal modo que nele o trabalho era mesmo efetiva oração, e se realizava o grande princípio da vida cristã: qui laborat orat” (19).

Um dos grandes desafios pastorais de hoje, na era urbano-industrial, onde o trabalho se torna para os pobres do terceiro mundo uma realidade cada vez mais massiva, opressora e desumanizante, é justamente esse mundo do trabalho como o mundo do trabalhador (20).

## V — O futuro

Não pretendo tirar nenhuma conclusão nem fazer algum balanço da herança espiritual de Dom Bosco. Deixo ao leitor o trabalho de completar o quadro apenas esboçado, refazer as ligações com nossa situação na AL e encontrar a inspiração necessária para as tarefas de hoje.

Para fazer justiça à fama de que goza de santo sonhador, apenas recordo o sonho missionário de 1885. Não é para sair da realidade, mas para dirigir o olhar para o futuro. Nele Dom Bosco dá um giro pelo hemisfério sul, e se imagina 100, 200 anos depois, descortinando um vasto campo apostólico para seus filhos e para a Igreja nesta “parte meridional” do globo terrestre.

Neste sentido temos ainda muito que caminhar. A consciência eclesial média ainda não chegou a compreender a importância de uma “espiritualidade do trabalho”. Por isso mesmo a provocação de João Paulo II na carta encíclica “Laborem Exercens” é mais que atual, é urgente.

O papa nos exorta: “Essa doutrina sobre o problema do progresso e do desenvolvimento — tema tão dominante na mentalidade contemporânea — poderá ser entendida somente como fruto de uma espiritualidade do trabalho já provada, e somente sobre a base de uma tal espiritualidade é que ela pode ser realizada e posta em prática” (21).

Recentemente o Pe. Egídio Viganò, Superior Geral da Congregação salesiana lembrava esse sonho missionário numa carta aos salesianos em estreita conexão com o mundo do trabalho, vasto campo do terceiro mundo: “A missão salesiana e o mundo do trabalho” (22).

Essa indicação vem de encontro às preocupações enunciadas por João Paulo II. O mundo do trabalho, depois de cem anos, continua um desafio não só para a Família Salesiana, mas para toda a Igreja. O mundo do trabalho desafia hoje o projeto de uma nova evangelização para o futuro.

---

*Atenção: na página seguinte,  
64, estão as NOTAS*

---

## NOTAS

(1) São João Bosco, Memórias do Oratório de São Francisco de Sales (=MO), Salesiana, 1982, p. 95. (2) Memorie Biografiche (=MB), vol. IX, p. 61. H. Ecco afirmava sobre essa obra mestra de Dom Bosco: "O Oratório é uma máquina perfeita em que cada canal de comunicação, do brinquedo à música, do teatro à imprensa e assim por diante, é administrado como próprio e reutilizado e discutido quando a comunicação vem de fora. Neste sentido o projeto de Dom Bosco atinge toda a sociedade da era industrial com viva imaginação sociológica, sentido dos tempos, inventividade organizativa, e com uma política global das comunicações de massa que é alternativa à gestão — freqüentemente inútil e muitas vezes prejudicial — dos vértices dos grandes dinossauros (os grandes mass-media a hodiernos) que (talvez) valem menos do que se acredita", em L'Espresso, 15.11.81. Cf. Atos do Conselho Superior da sociedade salesiana (=ACS) 313, p. 6. (3) Cf. Auffray A. Dom Bosco, 4ª ed. 1969, p. 467. (4) Seus escritos somam uma centena: livros de devoção, biografias, história bíblica, da Igreja e da Itália, escritos pedagógicos e espirituais. Cf. a cura di P. Braido, Scritti sul sistema preventivo nell'educazione della Gioventù, La Scuola ed. 1965, XV-

XXV. (5) Foi o conselho que recebeu de Pio IX. Cf. Wirth M. Dom Bosco e os Salesianos, Salesiana, 1971, p. 111. (6) MB IV, 80. Citado de Almeida Cunha R. I. Dom Bosco e a classe operária. Roteiro de Estudo. Manuscrito, p. 17. (7) CELAM, A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio, Medellín, 1968. (8) CELAM, A Evangelização no presente e no futuro da América Latina, Puebla, 1979. (9) Documento 26 da CNBB, de 15.4.83. (10) João Paulo II, à CLAR, Bogotá, 2.7.86. (11) Diz-se do fenômeno do crescimento e proliferação das seitas. (12) Cf. Souza L. A. Gomez de, Secularização em declínio e potencialidade transformadora do sagrado. Rev. Religião e Sociedade, 13/3, 1986, 2-16. (13) Cf. Puebla, 85. (14) MO, 152. (15) Puebla, 1147. (16) Medellín, 4,8. (17) Puebla, 1026. Cf. Caliman C. Modelos de Igreja e Educação libertadora. Em: Vários, Libertar: Desafios da Educação, CRB, Rio, 1982, pp. 39-42. (18) Cf. Viganò E. ACS, 303, p. 24. (19) Citado em: Brocardo P. Dom Bosco, profundamente homem e profundamente santo, Salesiana, 1986, p. 120. (20) Cf. Almeida Cunha R. I. Desafios do mundo do trabalho e Vida Religiosa. Brevemente pela CLAR. (21) João Paulo II, Laborem Exercens, 26. (22) Cf. Viganò E. ACS, 307, 1983, pp. 3-39. □

---

### A inculturação não é um modismo?

Não. A inculturação não é uma onda nova e passageira. É algo diretamente ligado à missão da Igreja: evangelizar. Evangelização e inculturação não são duas realidades distintas, nem mesmo duas faces da mesma realidade ou processo. A inculturação é uma qualificação da evangelização. Não se trata de um modismo teológico ou pastoral. Pela inculturação recupera-se uma das características dos primórdios da Igreja: a de proporcionar a fé à índole cultural dos que a acolhem e vivem. Leia, à página 33, "Evangelização, Inculturação e Vida Religiosa".

Prezado Assinante:

CRB



NACIONAL

Rio de Janeiro, RJ  
janeiro/fevereiro de 1988

**A longo prazo estaremos todos mortos**, advertiu John Maynard Keynes. A frase configura um bom convite à reflexão. A quem sobre ela medita se oferece um caminho em cujo quilômetro zero se avisa: se todos tivermos de morrer, outros viverão. Imprescindível, portanto, **construir para o futuro, para outras gerações**, embora não nos seja possível viver para ver.

O tempo flui imperturbável como um rio sem sono. Distraímos-nos de sua passagem temerosos de perceber que **somos nós que passamos**. A marcha dos passos humanos e da história tem um desenho que só Deus sabe. Se, por um lado, **a finitude é a nossa cruz**, por outro, a marca de eternidade, que há em nós, se desvela com a morte. Embora **ainda não**, em plenitude, todavia, **desde agora** (1 Jo 3, 2) já se prefigura e se antecipa a infinitude que somos, deuses adiados. Para aquele que tem fé, **a vida vence a morte sempre** e se afirma numa luz de aurora que, lentamente acendida, não se apaga jamais.

Nós, SALESIANOS, estamos celebrando o primeiro centenário da morte de **SÃO JOÃO BOSCO**, popularmente DOM BOSCO, nosso Fundador. **Cem anos: 1888-1988**, minuto a minuto se sucedendo, dia e noite! Se a perspectiva histórica de seu tempo não se identifica mais com a nossa, — o tempo imprime sua marca nas pessoas e nas coisas — Dom Bosco, entretanto, continua invocado e celebrado com uma força de pensamento mais tenaz que o tempo. **Ele continua sendo um homem assinalado** (Apc 7, 4), convocado a desvendar o mistério que arde nas entranhas das pessoas e das coisas. Seu coração, **rico de caridade pastoral**, pressentia que debaixo de tudo lavra um incêndio. E dedicou-se a anunciar, com rara sensibilidade, o clarão deste fogo que abrasa, aquece e não pode ser extinto. **Consumiu-se e consumou-se nesta tarefa**. E sua vida continua ainda um apelo para se atualizar esse acontecimento, assumi-lo criticamente, no contexto das transformações necessárias dos desafios do presente.

O campo gravitacional de suas iniciativas, disseminadas, hoje, pelos espaços do mundo, ultrapassa os limites da Congregação para se tornar parte da cultura universal. A figura deste **vidente e visionário, profeta e vaticinador**, não se perfaz se nela não se apurar que era fustigado por induzimentos, conscientes e inconscientes, do Espírito, sem nunca se perder, no entanto, na inesgotável trama de estranhezas que compõem a inumerável riqueza do real. Homem de atividade intensa e multiforme, Dom Bosco, de pioneirismo invulgar, **fez da ação um critério básico de sua vida, verdadeira escola espiritual**. Comprovou ser possível buscar sempre a face de Deus mesmo devorado pelas exigências do serviço aos irmãos, pois as próprias coisas, em sim, efêmeras, são sinais transparentes e impregnados da transcendência de Deus.

A **Congregação Salesiana**, parte viva da Igreja e do mundo, é uma realidade carismática de indiscutível grandeza. Não pode ser explicada simplesmente como fruto de genialidade humana ou de generosidade natural de seu Fundador. Ela exprime, historicamente, a inexaurível criatividade do Espírito do Senhor e patenteia a presença do divino nos traços maiores da identidade da pessoa, da vida e da obra de Dom Bosco. Esta é uma convicção de fé singular, sólida e profunda. Sua posteridade espiritual testemunha por ele. Deus suscitou Dom Bosco, o formou e o guiou. **"Dom Bosco é um mistério. Só Deus o guia"**, dizia seu confessor, São José Cafasso.

Para proclamar o reconhecimento desta ação germinal e perene de Deus, de alcance irrefragável, para iluminar este **Primeiro Centenário** com a sua luz e se passar ao segundo por derivação natural, Você, Religioso e Religiosa do Brasil, está sendo convidado(a) a fazer um coro conosco, juntando as mãos ao peito, empinando os olhos ao céu, dobrando os joelhos para a terra, empurrando o coração até os lábios, dando emoção à própria voz para dizer a DEUS: **Muito obrigado**, por este dom da vida e da santidade da Igreja: **Dom Bosco e sua Família Religiosa**. Queremos sentir sua presença, ouvir sua voz e sua fé. Assim seja.

Desejando-lhe toda paz e todo bem, com sempre renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente

**PE. MARCOS DE LIMA, SDB**  
Redator-Responsável  
Convergência e Publicações CRB